



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – IV – JACOBINA –
BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED

MAIARA OLIVEIRA SANTOS FERREIRA

A INTERATIVIDADE DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL NAS REDES DIGITAIS:
AS RELAÇÕES ENTRE PROTAGONISMO ESTUDANTIL E APRENDIZAGEM

Jacobina
Bahia, 2022

MAIARA OLIVEIRA SANTOS FERREIRA

**A INTERATIVIDADE DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL NAS REDES DIGITAIS:
AS RELAÇÕES ENTRE PROTAGONISMO ESTUDANTIL E APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, no âmbito de linha de Pesquisa I – Formação, Linguagem e Identidades, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

Jacobina
Bahia, 2022

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

F383i Ferreira, Maiara Oliveira Santos.
A interatividade de alunos com deficiência intelectual nas
redes digitais: as relações entre protagonismo estudantil e
aprendizagem / Maiara Oliveira Santos Ferreira

Jacobina - BA

73 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação *Strictu Senso* / Programa de pós-graduação em educação e diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de ciências humanas – Campus IV). Universidade do Estado da Bahia, 2022.

Orientador: Prof. Dr^o. Antenor Rita Gomes

1. Protagonismo estudantil. 2. Deficiência intelectual. 3. Redes digitais. I. Ferreira, Maiara Oliveira Santos. II. Antenor Rita Gomes. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas/Campus IV.

CDD – 371.91

FOLHA DE APROVAÇÃO

MAIARA OLIVEIRA SANTOS FERREIRA

A INTERATIVIDADE DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NAS REDES DIGITAIS: AS RELAÇÕES ENTRE PROTAGONISMO ESTUDANTIL E APRENDIZAGEM

Dissertação defendida aos membros da banca examinadora, e ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, para obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade.

Dissertação defendida em: 02/03/2022

BANCA EXAMINADORA DE DEFESA



Prof. Dr. Antenor Rita Gomes (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof. Dr. Ricardo José Amorim (Membro interno)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof. Dr. Osni Oliveira Noberto da Silva (Membro interno)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof. Dr. Víctor Manuel Amar Rodríguez (Membro externo)
Facultad de Ciencias de la Educación (UCA)

Jacobina
Bahia, 2022

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida no campo da educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, alicerçada na abordagem qualitativa, seguindo os estudos da pesquisa-ação colaborativa, a fim de investigar como os processos de interação social nas redes digitais potencializam o protagonismo e as aprendizagens dos alunos com deficiência intelectual. Para tanto, utilizamos do arcabouço teórico como Rezende e Moura (2014), Pierre Lévy (1999), Bacchi; Neto e Trevisani (2015), Pretto (2011), Teófilo Galvão (2012), Serafin e Souza (2011), Figueiredo (2011), Pimentel (2012), Silva (2007), Mendes (2006), dentre outros. A pesquisa ocorreu no Centro de Atendimento Educacional Especializado - CAEE/APAE, em Jacobina-Bahia, observando as relações dos participantes da pesquisa com o uso das redes digitais. A construção dos dados ocorreu por meio de observação participante, diário de campo, entrevistas e microanálise do contexto, através da realização da oficina intitulada *Interatividade em rede*. Como contribuição à área da Educação Inclusiva e à produção científica em geral, apontou-se, com este estudo, um roteiro que, configura-se como um conjunto de estratégias de ensino, que contribuem para o desenvolvimento e aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual, proporcionando reflexões a respeito da inclusão social, digital e os benefícios da mediação pedagógica para este processo de inclusão através das redes digitais interativas.

PALAVRAS-CHAVE: Protagonismo estudantil, deficiência intelectual, Educação Especial, interação, redes digitais.

ABSTRACT

This research was developed in the field of special education, from the perspective of inclusive education, based on a qualitative approach, following the studies of collaborative research-action, in order to investigate how the processes of social interaction in digital networks enhance the protagonism and learning of students with intellectual disability. For this purpose, we used the theoretical framework such as Rezende and Moura (2014), Pierre Lévy (1999), Bacchi; Neto and Trevisani (2015), Pretto (2011), Teófilo Galvão (2012), Serafin and Souza (2011), Figueiredo (2011), Pimentel (2012), Silva (2007), Mendes (2006), among others. The research took place at the Specialized Educational Service Center - CAEE/APAE, in Jacobina-Bahia, observing the relationship of research participants with the use of digital networks. The construction of data occurred through participant observation, field report, informing and microanalysis of the context, through the realization of the workshop entitled Network Interactivity. As a contribution to the area of Inclusive Education and to scientific production in general, this study indicated a script that, if properly used, is configured as a set of teaching strategies that contribute to the development and learning of students with intellectual disability, providing reflections on social and digital inclusion and the benefits of pedagogical mediation for this inclusion process through interactive digital networks.

KEYWORDS: Student protagonism, intellectual disability, Speical Education, interaction, digital networks.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos...

A Deus, por ter me dado força para chegar até aqui!

Ao meu esposo Lourivan, por ter segurado a minha mão, pela compreensão e incentivo!

À minha família, principalmente à minha mãe Marlene, por suas orações, cuidado e por tanto amor e meu irmão Vitor pela preocupação constante.

Ao meu querido orientador professor Dr. Antenor Rita Gomes, pela compreensão, carinho e incentivo. Foi uma honra tê-lo como orientador!

Aos professores Dr. Ricardo José Amorim, Dr. Oliveira Noberto da Silva e Dr^o Víctor Manuel Amar Rodriguez, pelas excelentes contribuições durante o exame de qualificação!

À prof.^a Mestre Kátia Cristina Novais Leite, amiga e colega de profissão pelo acolhimento e sempre disposta a tirar minhas dúvidas, orientando-me e guiando nesse mundo acadêmico!

A todos os amigos e Colegas da APAE de Jacobina Bahia, em especial Jailma Pereira e Raquel Nascimento, pela disposição em me ouvir nos momentos de aflição!

Aos Alunos da APAE de Jacobina, participantes da pesquisa, por compartilhar suas experiências de vida comigo!

Ao grupo de pesquisa CULT-VI, pelo acolhimento, troca de conhecimento e contribuições.

Muito obrigada, eu aprendi muito com vocês.

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CIFI	Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde
CAEE	Atendimento Educacional Especializado
DI	Deficiência Intelectual
DIEB	Dicionário Interativo da Educação Brasileira
DUA	Desenho Universal da Aprendizagem
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
FEAPAES	Federação das Apaes do Estado da Bahia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
QI	Quociente de inteligência

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Contribuição da inserção das redes sociais no processo de ensino aprendizagem.....	11
Figura 02 -	Relação de pesquisados com o campo de investigação.....	14
Figura 03 -	Comentários do Instagram 1.....	46
Figura 04 -	Comentários do Instagram 2.....	47
Figura 05 -	Comentários do Instagram 3.....	47
Quadro 01 -	Pesquisas analisadas nesta dissertação.....	21
Quadro 02 -	Entrevista com os responsáveis pelos sujeitos de pesquisa.....	50

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 BREVE REVISÃO SISTEMÁTICA.....	18
3 A INCLUSÃO EDUCACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	22
3.1 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AS RELAÇÕES COM O DUA	25
3.2 PRÁTICAS PEDAGOGIAS NO APAE/CAEE: POTENCIALIZANDO O PROTAGONISMO ESTUDANTIL ATRAVÉS DAS REDES DIGITAIS.....	29
3.3 INTERATIVIDADE: O ALUNO EM REDE	33
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	38
4.1 O PRODUTO CONSPIRADO	39
5 OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E OS SEUS FALARES EM REDE.....	42
5.1 DESCREVENDO A OFICINA “ <i>INTERATIVIDADE EM REDE</i> ”	42
5.2 PERCEPÇÕES DA FAMÍLIA EM RELAÇÃO À OFICINA <i>INTERATIVIDADE EM REDE</i>	49
5.3 PRODUÇÃO DA PROPOSTA DE FORMAÇÃO SOCIAL INCLUSIVA: O QUE É DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?	53
5.4 AÇÕES PROTAGONISTAS E A OFICINA INTERATIVIDADE EM REDE: O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	54
5.4.1 Falar por si.....	55
5.4.2 Desenvoltura de relacionamento e capacidade de aprender	55
5.4.3 Autoconfiança e autonomia.....	57
5.4.4 Carreira profissional.....	57
5.4.5 Protagonista da própria inclusão social.....	58
5.4.6 Compreensão de suas responsabilidades, direito e deveres em quanto sujeitos ativos dentro de uma sociedade	59
6. INCONCLUSÕES SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS INTERATIVAS COMO POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE.....	66
APÊNDICE 1 - PLANO DE AÇÃO	66
<u>ANEXOS</u>.....	68

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A relação da sociedade com as redes digitais já vem de muito tempo, influenciando as transformações no ambiente educacional, surgindo novas formas de nos comunicar e aprender. Para Rezende e Moura (2014, p.132), a tecnologia é capaz de estimular o processo formativo dos indivíduos, ou seja, através dela o aluno com deficiência tem a oportunidade de vencer as barreiras das dificuldades cognitivas que possa vir a apresentar, melhorando a sua disposição de resolver problemas. Percebe-se a potencialidade das redes digitais, pois ela estabelece relações cognitivas e sociais, havendo assim uma interação entre os indivíduos e as redes que utilizam.

É necessário ressaltar que o conceito de tecnologia vai além dos artefatos, aparatos modernos que nos cercam nos dias atuais. Seguindo a luz de Cupanni (2011), o qual evidencia a tecnologia como dimensão da vida humana, ou seja, a tecnologia não se restringe apenas a elementos concretos, mas ela se caracteriza com diversas dimensões, uma delas se perfaz no fato de que ela também é pensamento, uma ponte que contribui para as interações humanas. Assim, Santos (2019), conceitua tecnologia como possibilidades que dependem de um saber, ou seja, como construção de pensamentos e aprendizados e não apenas a tecnologia por ela mesma.

Segundo o dicionário Interativo da Educação Brasileira (DIEB), as chamadas *redes digitais* são o conjunto de computadores conectados onde ocorre a troca de dados, uma interconexão; e neste trabalho consideramos como redes digitais, as interconexões que têm interesse educativo, o qual visa compreender as possibilidades de interação. Vale ressaltar que essas redes não se restringem às chamadas redes sociais, tampouco as excluí. Assim entendemos por *redes de interação* toda e qualquer conexão possibilitada pela rede de computadores que permite ao estudante conectar-se e interagir com outras pessoas por meio digital, ampliando seus conhecimentos e pontos de vista.

Figura 1 – Contribuições da inserção das redes digitais no processo de ensino aprendizagem

Fonte: Autoria própria, 2021.



A inserção das redes digitais na sala de aula vem contribuindo para auxiliar no processo de aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual. Quando pensamos na pessoa com deficiência Intelectual, temos que ter em mente estratégias pedagógicas que possam proporcionar um aprendizado que faça sentido. Dessa forma, é preponderante pensar na pedagogia da diferença, ou seja, é necessário promover situações em que o aluno possa atribuir significado às atividades que estão sendo desenvolvidas em sala de aula; assim, a aprendizagem tem que estar associada à realidade do aluno.

Diante da relevância educacional desta temática, o uso das ferramentas digitais evidencia os diferentes caminhos que o professor poderá percorrer para favorecer a aprendizagem, priorizando a realidade dos seus alunos, pois, segundo Silva (2007), todo ser humano é capaz de aprender, basta ser devidamente estimulado e mediado.

Compreende-se que a pessoa com deficiência intelectual se depara com diferentes barreiras nas interações com o meio em que vive, comprometendo também o desenvolvimento das suas habilidades cognitivas, fica clara a importância da utilização de recursos que contribuam com as modificações no seu quadro de dificuldade, favorecendo condições reais para que ocorra aprendizagem. Desse modo, necessita-se de intervenções que demandam de inovações nos procedimentos pedagógicos, a fim de atenuar as dificuldades de aprendizagens, proporcionando espaços em que esses alunos possam expressar suas ideias, tornando-se indivíduos participativos dentro e fora dos ambientes educacionais.

É necessário ressaltar que para o aluno com deficiência intelectual (DI) devidamente mediado pelo convívio social e cultural, os déficits apresentados podem ser atenuados. Com

isso, é importante discutir o potencial de um currículo adaptado para o atendimento das pessoas com deficiência intelectual, entendendo que esses alunos apresentam dificuldades em participar das aulas, pois exigem um tempo diferente para estabelecer suas ideias.

A inserção de novos procedimentos metodológicos oferece ao aluno com DI o desenvolvimento de sua capacidade de aprender. Sendo imprescindível que o professor ajude esses alunos a ampliar seus conhecimentos, é necessário um trabalho individualizado, respeitando seu tempo e maneira de aprender. Uma das características das pessoas com deficiência intelectual é o atraso na comunicação e no desenvolvimento neuropsicomotor, sendo de suma relevância a oferta de atividades que possam contribuir para a modificação deste atraso supracitado.

Nesta perspectiva, Figueiredo (2011), vem nos ressaltar sobre a importância de o professor aplicar a pedagogia da atenção à diversidade, sendo esse um conceito desenvolvido pela autora, no qual reflete a importância de proporcionar um ensino no qual respeite as diferenças dos alunos, entretanto, ainda existem certas dificuldades, não só do professor, mas também de toda a rede escolar, em compreender como criar estratégias que estimulem as potencialidades e as verdadeiras necessidades do seu aluno, para que ele possa atribuir significado ao que está aprendendo.

É necessário reconhecer a importância de investir na formação dos profissionais da educação, considerando as diversidades e individualidades existentes nesses espaços, para que possam ser criadas novas possibilidades de ensino e aprendizagem, desconstruindo estereótipos, permitindo a descoberta de práticas pedagógicas que permitam interações e autonomia.

Entende-se que a proposta do Atendimento Educacional Especializado é oferecer ambientes de aprendizagem em que sejam considerados todos os alunos, oferecendo condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (BRASIL, 2001). Nessa perspectiva, Figueiredo (2011) deixa claro que um dos princípios básicos de uma educação inclusiva é que esta ocorra através de uma pedagogia capaz de educar e acolher a todos os alunos, independentemente de suas condições, a fim de que todas as diferenças sejam respeitadas e a aprendizagem alcançada.

Diante destas considerações, entendemos que as redes digitais interativas são um recurso promissor na aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual, em que são oferecidas possibilidades de interações sociais, promovendo uma sociedade inclusiva. Para Warschauer (2006), o propósito do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação é reestruturar as comunicações e as relações humanas, promovendo o desenvolvimento

sociocognitivo. Por esse motivo, é importante à inclusão do acesso às redes digitais interativas na educação inclusiva.

De acordo com o Decreto Nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, a Educação Especial é definida como “uma modalidade de ensino destinada a alunos com deficiência intelectual, física, múltiplas e com altas habilidades”. Este decreto reforça a tese de que os alunos com deficiência têm o direito à educação, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Apesar da garantia desses direitos, ainda existe a necessidade de rever a metodologia de ensino, repensar como os docentes podem contribuir na aquisição de aprendizagem dos alunos com deficiência Intelectual, utilizando-se das experiências que eles já tenham.

Dessa forma, a proposta da educação inclusiva associada ao AEE oferece propostas de mudança no modo de ensinar e avaliar, tendo o reconhecimento das diferenças, oferecendo condições adequadas para que o aluno adquira aprendizagem. É necessário que os professores compreendam o seu papel frente aos desafios que vêm surgindo ao longo do nosso século. Diante desse contexto, as novas demandas vêm exigindo que o professor seja capaz de organizar as variadas formas de aprendizagem, analisando assim, as diversidades dos seus alunos.

A mediação desses alunos deverá estar contextualizada na realização de atividades adaptadas de forma que eles possam solidificar sua aprendizagem. Assim, é necessário que os espaços educativos possam se desvincular dos modelos tradicionais de ensino, nos quais ainda se tem a ideia de controle, ou seja, alunos sentados, professor na frente, dentre outros.

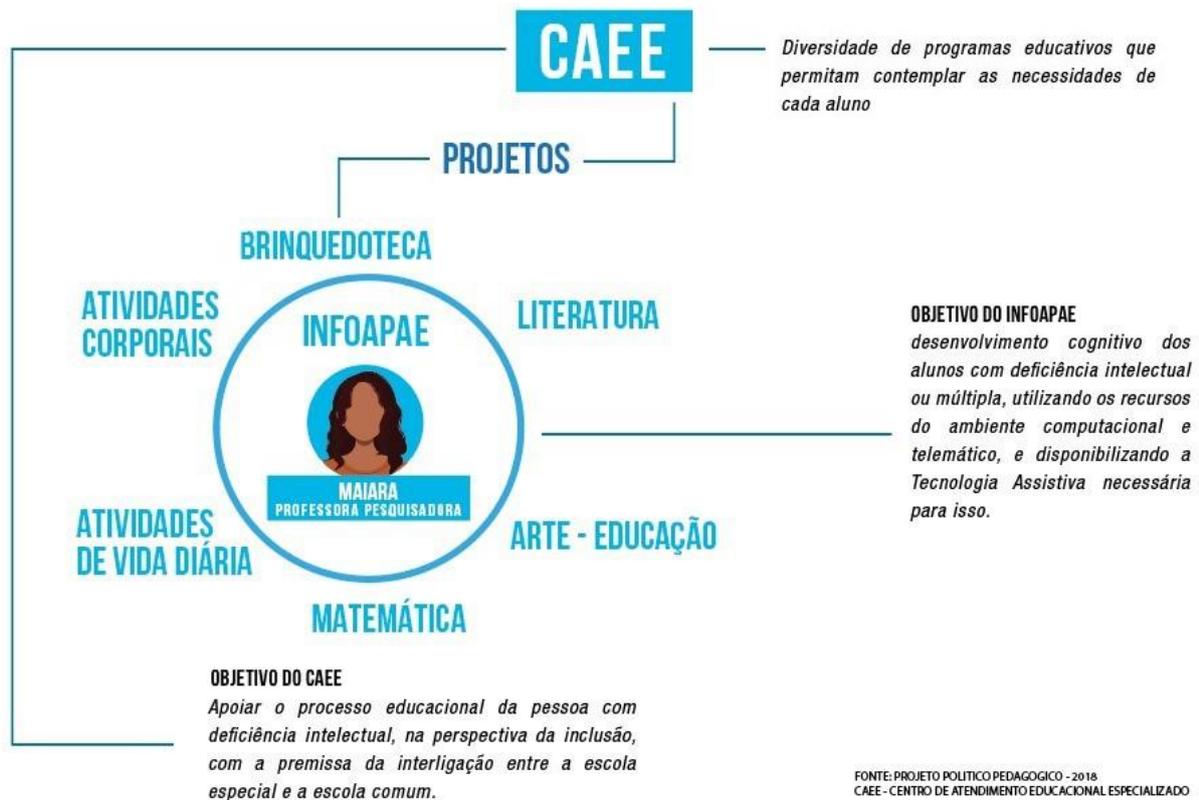
Dessa forma, entendemos que a tecnologia assume um papel de suma importância, pois permite que os alunos tenham novas oportunidades de aprender. Com isso, o professor não deve se limitar às ferramentas que ele já possui e, sim buscar novas formas de proporcionar novas perspectivas de aprendizagem. Claudio Kleina (2012) afirma que quando falamos em tecnologia estamos falando de inovação, inovar não é apenas fazer coisas diferentes, mas fazer a mesma coisa de forma diferente.

Com base em minha experiência como professora do Atendimento Educacional Especializado, à frente do projeto INFOAPAE na APAE de Jacobina-Bahia, o qual vem acontecendo desde o ano de 2018, com o objetivo de que os alunos com deficiência possam deixar de apresentar atitudes passivas, para que se tornem indivíduos ativos na construção de seus conhecimentos, assim a sala de informática promove um ambiente de aprendizagem que proporciona a valorização da criatividade e da interação desses alunos com o meio tecnológico. É necessário ressaltar que os alunos participantes do projeto apresentam idade entre 15 a 25 anos.

O projeto INFOAPAE foi planejado e escrito pela professora Kátia Cristina Novaes Leite, no ano de 2004 (EM ANEXO). Um dos objetivos do projeto já citado é proporcionar uma melhor interação do aluno com o meio em que vive, para Leite 2004, o uso da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência possibilita que o professor não pense nas limitações desses alunos e sim em suas potencialidades. Diante dessas considerações é necessário frisar que a pesquisadora atua no campo onde foi desenvolvida a pesquisa, como professora articuladora, responsável em aplicar o projeto, no qual se vê como mediadora das atividades e articuladora de planejamentos de forma colaborativa, junto com os professores, visando a melhoria da qualidade de vida desses alunos.

Dessa forma, posso afirmar que me vejo dentro do campo da pesquisa como uma profissional da educação que acredita no uso eficaz das TDIC, pois a partir do uso das ferramentas digitais, podemos desenvolver diferentes atividades em diferentes áreas do conhecimento, levando em consideração que essas ferramentas se configuram, também, como instrumentos potencializadores da inclusão social, sendo essas atividades de maior envolvimento e participação dos alunos. Na figura abaixo, procuramos representar a relação da pesquisadora com o campo da investigação.

Figura 02 - Relação da pesquisadora com o campo de investigação



Fonte: Autoria própria, 2021.

As aulas de informática acontecem de maneira interdisciplinar, em que todos os docentes colaboram com a aprendizagem dos alunos, compreendendo que, devido ao atraso no desenvolvimento global desses discentes, a metodologia de ensino e aprendizagem ocorre de forma colaborativa. Assim, quando esses alunos chegam à aula, eles já trazem um conhecimento prévio do que acontecerá, ou seja, desenvolvemos atividades de pesquisas, jogos educacionais, pintura, receitas e produção de textos curtos. Tudo isto com o intuito de reforçar as atividades desenvolvidas por outros professores da instituição ou da escola regular em que o aluno está matriculado.

É de suma importância refletir como acontecem as relações entre esses alunos e as tecnologias que o ambiente da sala de informática proporciona para eles, pois muitos ainda sentem receio de utilizar o computador, por insegurança e medo em demonstrar que não têm domínio. Assim, os primeiros planos de aula têm o objetivo de apresentar as ferramentas

tecnológicas e como podem ser manuseadas. A priori, é feito um mapeamento para identificar as facilidades de interações a fim de facilitar esse processo.

Dessa forma, quando eles já se encontram totalmente familiarizado com o ambiente da sala de informática, surge o momento de deixá-los livres, para que eu, enquanto professora, consiga identificar os interesses dos mesmos. De primeira instância, foi observada a facilidade de interação com os jogos educacionais online, em que muitos desses alunos demonstraram uma melhora na sua autoestima, por se perceber dentro de uma cultura digital, em que muitas vezes esse direito é negado dentro da sociedade.

É de suma importância relatar que muitos desses alunos ainda não dominam a leitura e a escrita, mas isso não impede que eles façam uso das redes digitais, pois através das imagens eles conseguem acessar as informações dos seus interesses, seja acessando um jogo ou suas redes sociais. Assim, as atividades desenvolvidas no projeto INFOAPAE, é uma metodologia de inclusão social, pois possibilita que esses alunos sejam protagonistas da sua aprendizagem. Nessa perspectiva, esses estudantes podem estar dando suas opiniões sobre diferentes assuntos, melhorando sua comunicação e desenvolvendo diferentes formas de interação social.

Diante disso, a questão que norteia a atual pesquisa é: Como os processos de interação social nas redes digitais potencializam o protagonismo e as aprendizagens dos alunos com deficiência intelectual? Ressaltamos que temos como objetivo geral compreender, analiticamente, como os processos de interação nas redes digitais dos alunos com deficiência intelectual do CAEE/APAE de Jacobina-BA, potencializam o protagonismo e as aprendizagens. Para responder esses questionamentos, desenvolvemos atividades que proporcionou o protagonismo estudantil e a aprendizagem a partir das interações sociais através do uso das redes digitais.

A fim de alcançar esses objetivos, utilizamos como instrumentos e técnicas de pesquisa a observação participante, a entrevista semiestruturada e o diário de bordo, com os alunos com deficiência intelectual. Por fim, fizemos uma análise do discurso como técnica de pesquisa para a interpretação e compreensão dos dados construídos.

Dessa forma, a partir das aulas de informática, identificamos os recursos materiais, o potencial humano, a infraestrutura e os processos interativos dos professores e alunos no uso das TDICs, relatando e analisando as formas de relacionamento dos alunos com essas ferramentas tecnológicas, desenvolvendo assim, uma proposta colaborativa, construindo novas estratégias pedagógicas, promovendo o protagonismo estudantil da pessoa com deficiência intelectual.

A presente pesquisa assume uma abordagem qualitativa, seguindo os estudos da pesquisa-ação colaborativa, em que se busca uma aproximação entre o pesquisador e os sujeitos, respeitando a cultura e o meio social em que vivem, para que assim possam ocorrer novas oportunidades de aprendizados, através dessas relações (inter-relações). “É preciso possibilitar esse aprendizado de escuta e partilha de práticas, percepções e perspectivas. Espaços que se constroem por meio da mediação de conflitos e ideias e do respeito aos processos de cada membro, considerando essas premissas, para colaborar é preciso aprender” (GAVA; ROCHA; GARCIA, 2018, p.75).

Para tanto, utilizamos do arcabouço teórico como Rezende e Moura (2014), Pierre Lévy (1999), Bacchi, Neto e Trevisani (2015), Pretto (2011), Teófilo Galvão (2012), Serafin e Souza (2011), abordando a relação entre tecnologia e educação; Andrade (2008) e Silva (2001), discutindo sobre sala de aula interativa e a relação entre o homem e a máquina; Jenkins (2009) e Gomes (2020), abordando os aspectos de sociedade e cultura contemporânea; Figueiredo (2011), Pimentel (2012), Silva (2007), Mendes(2006), relatando sobre a formação docente, inclusão e diversidade; Vygotsky (1995), Lanna Júnior (2010), Batista e Mantoan (2007), trazendo elementos sobre o processo de ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual.

Diante da realização do nosso produto de intervenção, a oficina *interatividade em rede*, se configura como formação social inclusiva, em que construímos estratégias para que os internautas pudessem conhecer o que é uma pessoa com deficiência intelectual, pudemos constatar que este estudo contribuiu, não só com o lócus da pesquisa, mas também com toda a sociedade (família, aluno, professor), no sentido de valorizar a relação entre os alunos com deficiência intelectual, sociedade e a cultura digital, refletindo sobre as diversidades que nos cercam, como forma de desenvolver diferentes caminhos de aprendizagens significativas.

Entendemos que esse estudo, também contribuiu com o processo de formação dos docentes dessa instituição, na qual os profissionais sempre estão dispostos a buscar novos caminhos de ensinar e aprender. Aguiar e Souza (2015) abordam a necessidade de não apenas apontar para as dificuldades e limitações dos alunos; é preciso que haja uma reformulação de planejamento das práticas pedagógicas que favoreça a inclusão, e que se permita que todos possam adquirir conhecimento. Nesse sentido, verificamos que o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, como exemplo das redes digitais, possam destacar suas habilidades .

2 BREVE REVISÃO SISTEMÁTICA

A revisão sistemática da literatura é parte fundamental de uma pesquisa científica, pois dá subsídio ao pesquisador para que ele possa colaborar e ampliar as pesquisas já realizadas. “Os pesquisadores usam a literatura acadêmica em um estudo para apresentar resultados de estudos similares, para relacionar o estudo presente com um diálogo contínuo na literatura e para proporcionar uma estrutura para comparar os resultados de um estudo com outros” (CRESWELL, 2010, p. 61).

Para a concretização desta etapa, que tem como objetivo defender a importância do tema central da nossa pesquisa, consultou-se a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) para fazer a busca de documentos publicados em Língua Portuguesa sobre interatividade, redes digitais e deficiência intelectual, sendo estas as principais categorias desta pesquisa nos últimos cinco anos. Dessa forma, ao fazer a busca com os termos *deficiência intelectual e interatividade*, foram encontrados apenas dois trabalhos.

Ao usar os termos acima, *busca deficiência intelectual e tecnologias digitais*, foram encontrados 48 resultados, com o recorte temporal entre 2015 a 2019, foram encontrados 34 resultados; adicionando a categoria *dissertação* foram encontradas 19 ocorrências. Como critério de exclusão, os trabalhos que não tiverem a temática sobre deficiência intelectual e tecnologias digitais e que não estavam disponíveis integralmente nas bases de dados pesquisadas foram excluídos da análise.

Quadro 01 – Pesquisas analisadas nesta dissertação

AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	INSTITUIÇÃO DE DEFESA E ANO DE PUBLICAÇÃO
Márcia Regina Corrêa Negrim	<i>Gestão escolar, docência e tecnologia digital: trabalho colaborativo para o ensino de alunos com deficiência intelectual.</i>	Dissertação	Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2019
Aline Dal Bem Venturini	<i>Produção de curtas-metragens como recurso para educação inclusiva</i>	Dissertação	Universidade Federal de Santa Maria Centro de Educação, 2017
Fernanda Cinthya de Oliveira Silva	<i>O uso de instrumentos midiáticos no processo de escolarização de alunos com diagnóstico de</i>	Dissertação	Universidade Federal de Goiás, 2017

	<i>deficiência na educação básica</i>		
Karolina Waechter Simon	<i>Diretrizes para o uso de aplicativos de leitura e escrita na educação especial</i>	Dissertação	Universidade Federal de Santa Maria Centro de Educação, 2018

Fonte: Autoria própria, 2021.

Um dos primeiros estudos analisados em que foi feita uma descrição sobre esta situação foi a dissertação intitulada “Gestão escolar, docência e tecnologia digital: trabalho colaborativo para o ensino de alunos com deficiência intelectual”, autoria de Márcia Regina Corrêa Negrim (2019), a qual teve como objetivo promover o trabalho colaborativo estabelecendo uma articulação entre o trabalho pedagógico do gestor escolar e do docente, utilizando o jogo digital enquanto recurso didático-pedagógico, com o intuito de desenvolver a competência leitora e escritora de alunos com deficiência intelectual. Sendo está uma pesquisa experimental com uma abordagem qualitativa. O levantamento de dados foi realizado através da seleção de cinco alunos do Ensino Fundamental, do Ciclo I, com a gestora da escola e com a professora de Educação Especial.

Como resultado, Negrim desenvolveu um jogo digital voltado à alfabetização e utilizado como recurso didático. Essa dissertação colabora com aproximações, pois a discussão proposta comunga, em parte, com as inquietações da pesquisa em curso, sendo assim, essa pesquisa demonstra que o trabalho colaborativo entre docente e gestora, apoiado nas TDIC, proporciona aprendizagens significativas, mas a pesquisa não evidencia como essas interações acontecem.

Dando continuação à busca dos estudos divulgados, na dissertação realizada por Aline Dal Bem Venturini (2017), intitulada como “Produção de curtas metragens como recurso para educação inclusiva”, foi realizado um estudo sobre o recurso tecnológico curta-metragem, buscando analisar as possibilidades de inclusão e aprendizagem que esse recurso pode proporcionar.

O estudo constatou que, apesar das tecnologias digitais trazerem benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, os professores ainda se sentem incapacitados, pois não há estruturas adequadas nem investimentos. Essa dissertação colabora com aproximações, pois a discussão proposta comunga, em parte, com as inquietações da pesquisa em curso, sendo assim, essa pesquisa relata a importância de utilizar o recurso de produção de curta metragem, mas não especifica o processo de aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual.

Em tempo, a autora Fernanda Cinthya de Oliveira Silva (2017), apresenta a dissertação de mestrado intitulada “O uso de instrumentos midiáticos no processo de escolarização de

alunos com diagnóstico de deficiência na educação básica”. A pesquisa teve como objetivo utilizar de instrumentos midiáticos de acesso à rede global para desenvolver atividades de leitura e escrita com alunos diagnosticados com algum tipo de deficiência. A autora discorre sobre as potencialidades dos recursos digitais no atendimento de AEE, ressaltando a importância da formação dos professores da educação especial, afirmando que é necessário que a escola repense as práticas pedagógicas, inserindo a tecnologia como apoio para a construção do conhecimento.

Segundo Silva (2017), foi possível verificar a fragilidade do processo educativo em que ainda não existe uma boa relação entre o professor de sala de aula regular e do Atendimento Educacional Especializado de modo a planejar juntos atividades que contribuam com o aprendizado do aluno com deficiência. A autora descreve sua pesquisa apoiada na teoria da Defectologia de Vygotsky (1997). Como produto da pesquisa, a autora desenvolveu sequências didáticas com produções de textos para a publicação dos mesmos nas redes sociais. A pesquisa foi selecionada por se aproximar da temática do presente estudo, observando as TDIC como potencializadoras, descrevendo como esses recursos favorecem novas possibilidades de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual.

A dissertação de Karolina Waechter Simon (2018), intitulada como “Diretrizes para o uso de aplicativos de leitura e escrita na educação especial”, teve como um dos objetivos desenvolver parâmetros para a utilização de aplicativos para leitura e escrita no Atendimento Educacional Especializado – AEE, fazendo uma análise de aplicativos de leitura para serem utilizados com alunos com deficiência intelectual. A pesquisa, com abordagem qualitativa e do tipo exploratória, constatou que os aplicativos poderiam ser pensados considerando os níveis de leitura, assim beneficiariam todos os sujeitos usuários. O uso das TDIC no ambiente educacional ainda traz as incertezas e inquietações dos professores e a pesquisa teve como resultado o desenvolvimento de um documento orientador para a utilização desses aplicativos para as habilidades do AEE.

Foi observado que a pesquisa diverge da investigação proposta neste trabalho devido à metodologia e por focar apenas em análises de aplicativos. Por outro lado, favorece uma aproximação quando identifica que a tecnologia é um recurso de suma importância no processo de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência.

Retomando o questionamento feito no início da revisão sistemática: “Como os processos de interação social nas redes digitais potencializam o protagonismo e as aprendizagens dos alunos com deficiência intelectual?”, foram selecionados os trabalhos científicos que

consideramos mais significativos para o tema proposto. Podemos constatar que existem poucos estudos que evidenciam o processo de ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual com o apoio de recursos das TDIC.

É necessário ressaltar que a maioria dos estudos analisados faz menção à falta de formação do professor para aplicar em sua prática o recurso da tecnologia, sendo que, no presente estudo, o foco não está na formação do professor, mas sim, nas possibilidades de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual. Diante destas análises, fica claro que esta pesquisa se diferencia dos demais estudos que foram aqui analisados, por mapear elementos fundamentais sobre a importância de se utilizar os recursos da tecnologia digital de informação e comunicação como novas práticas pedagógicas e possibilidades de proporcionar aos alunos com deficiência intelectual uma aprendizagem significativa e, como consequência, contribuir com sua interação e inclusão social.

3 A INCLUSÃO EDUCACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Segundo a American Association on Mental Retardation – AAMR (2006), a deficiência intelectual é definida como uma incapacidade que gera limitações no desenvolvimento intelectual. Assim, a deficiência intelectual, entendida como incapacidade marcada por limitações, evidenciando as dificuldades nas habilidades práticas, sociais e conceituais.

O conceito de deficiência intelectual vem sendo estudado e modificado desde muito tempo, compreendendo também as mudanças na terminologia como “débil, imbecil, doente mental”. É preciso ressaltar que até os dias atuais muitas pessoas ainda confundem o conceito de deficiência intelectual e doença mental. Diante disso, é necessário compreender os aspectos históricos da pessoa com deficiência, que desde a Idade Média a diferença era associada ao pecado.

Bianchetti (1998) afirma que a igreja católica relacionava o nascimento das pessoas com deficiência como sendo um instrumento de Deus, ou seja, os seus pais teriam atentado contra os mandamentos de Deus e, por isso, o seu filho teria nascido com o “pecado”. Outro fenômeno histórico, que é importante ser citado, é a fogueira da Inquisição que, na Idade Média, preconizava que as pessoas eram purificadas dos seus pecados sendo queimadas, e por isso sacrificavam-se muitas pessoas com deficiência intelectual, consideradas como “endemoniadas”.

Os primeiros estudos no Brasil iniciaram no começo do século XX, quando surgiram as primeiras instituições chamadas de Pestalozzi, marcadas como instituições com o objetivo de proteger as crianças com deficiência intelectual. O instituto Pestalozzi teve grande influência de Helena Antipoff, educadora e psicóloga. Em 1954, no Rio de Janeiro, foi fundada a primeira APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) por uma mãe de uma criança com deficiência intelectual. E só em 1962, que a Federação Nacional das APAES - FEAPAES - surge.

Para Leite (2017), uma das ações que contribuíram para as novas conquistas na história da pessoa com deficiência foi a promulgação da Organização das Nações Unidas em 1981, em que foi proclamado o ano internacional das pessoas deficientes, que teve como objetivo a criação de leis visando proporcionar oportunidades iguais para as pessoas com deficiência. Outro momento importante foi a Constituição de 1988 que, segundo Candau (2012), incorpora a promoção dos direitos humanos.

Considerando a historicidade dos processos, particularmente no que tange ao tratamento dado às pessoas com deficiência, é importante registrar a influência

das transformações sociais ocorridas do final do século XVIII ao começo do século XX, decorrentes da Revolução Industrial, quando vemos nascer o interesse pela educação institucionalizada nos países desenvolvidos, momento quando também ocorreu o início do atendimento às pessoas com deficiência intelectual, de modo a compreender as representações da pessoa com deficiência naquele contexto de fortalecimento do capitalismo moderno e sua visão produtivista. (LEITE, 2017, p. 49)

É necessário ressaltar que foi na Europa que surgiram os estudos sobre as medidas educacionais para a pessoa com deficiência. Mazzotta (2011) destaca que, até o século XIX, as expressões utilizadas para referir-se ao atendimento educacional da pessoa com deficiência eram: pedagogia de Anormais, pedagogia curativa ou terapêutica. Jean Marc Itard, médico, destaca-se na história da pessoa com deficiência intelectual, tornando-se conhecido por desenvolver métodos sistematizados para a educação da pessoa com deficiência intelectual. Nessa época, a nomenclatura utilizada era “educação de débeis ou retardados”.

No Brasil, até o século XVI, as pessoas que apresentavam alguma deficiência eram mantidas em asilos e manicômios para resguardar a sociedade dos “anormais”. Assim surgiu a ideia de segregação, através da qual defendia-se a ideia de que as pessoas com deficiência seriam bem atendidas em ambientes separados, surgindo assim a filosofia da normalização. Cabe ressaltar que, dentro desse contexto histórico, a metade do século XX foi divisora de águas na história da educação da pessoa com deficiência; isto ocorre porque começam a surgir as primeiras classes especiais conhecida como segregação.

Na década de 1960, aconteceram os movimentos sociais com o objetivo de sensibilizar a sociedade dos prejuízos da segregação para esses alunos, surgindo assim as práticas integradoras em que se afirmavam que os indivíduos que apresentassem alguma deficiência teriam que se adaptar à realidade escolar e assim adquirirem aprendizado. Foi só na década de 1970 que os alunos com deficiência começaram a frequentar as classes chamadas de classes comuns, surgindo assim, o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), criado pelo Decreto nº 72.425, com o “objetivo de proporcionar uma melhoria no atendimento das pessoas com deficiência” (MAZZOTTA, 2011, p. 59).

Segundo Mendes (2006), a ideologia de uma educação inclusiva só ganha mídia na metade da década de 1990, em que foi realizada a Conferência Mundial sobre Educação para todos juntos com a Declaração de Salamanca (1994). Este evento foi um dos grandes marcos históricos no que se refere à garantia dos direitos à educação da pessoa com deficiência. “Acompanhando esse desencadeamento ou organização de direção política, há um conjunto de

leis específicas que em relação à educação, desde a primeira Lei de Diretrizes Básicas (LDB)” (JANNUZZI, 2012, p. 167).

Com a publicação da Lei nº 9.394, no ano de 1996 (LDB), em que consta que a educação especial deixa de ser uma educação à parte, é que começa a ser oferecida uma educação pensada na necessidade de cada aluno - importante frisar que na LDB consta um capítulo direcionado apenas para a Educação Especial. O capítulo V, no qual vem reforçado o direito da pessoa com deficiência, em que é estabelecido que é dever do Estado oferecer condições necessárias para que esses alunos possam frequentar uma classe regular de ensino. Com isso, fica claro que no decorrer dessas ações políticas, a educação da pessoa com deficiência vem ganhando novos espaços e, dessa forma, as pessoas com deficiência intelectual começam a ser incluídas nas redes de ensino da escola básica, mas, apesar desses avanços, ainda existem muitos estigmas acerca das potencialidades das pessoas com DI.

Não podemos deixar de frisar a importância dessas ações políticas para a inclusão da pessoa com deficiência, sendo necessário evidenciar que, no ano de 2020, surgiu a intenção de mudança no Plano Nacional de Educação Especial, o que consideremos como um retrocesso para a educação e inclusão das pessoas com deficiência. Apesar de o decreto ainda não ter sido publicado, acreditamos que essa mudança se caracteriza como o retorno da segregação, pois o novo decreto defende e acredita que os alunos com alguma dificuldade de aprendizagem devem ser matriculados em escola especial.

É imprescindível frisar que por muito tempo a deficiência intelectual era qualificada por testes de inteligência, ideia desenvolvida por *Alfred Binet* e *Theodore Simin*, com o objetivo de testar o nível de inteligência dos indivíduos. Com base nesses testes, a deficiência intelectual era diagnosticada quando o indivíduo apresentasse um quociente de inteligência (QI) abaixo de 70.

A deficiência intelectual, à época denominada “idiotia”, passou a ser tratada na perspectiva educacional com tratamento diferenciado em relação aos hospícios do século XIX. Ao longo do tempo, a pessoa com deficiência intelectual já foi denominada de oligofrênica, cretina, imbecil, idiota, débil mental, mongolóide, retardada, excepcional e deficiente mental. A expressão “deficiência intelectual” significa que há um déficit no funcionamento do intelecto, mas não da mente. A expressão “deficiência intelectual” foi introduzida oficialmente em 1995, pela ONU, e consagrada, em 2004, no texto da “Declaração de Montreal Sobre Deficiência Intelectual”. (LANNA JUNIOR, 2010, p. 24)

Em consulta ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM IV), identificamos que a deficiência intelectual é subdividida em graus: Leve (F70); Moderada

(F71); Grave (F72) e Profunda (F73). Entendemos que a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIFIS) enfatiza que a deficiência intelectual causa limitações dificultando o desenvolvimento do indivíduo em atividades simples do cotidiano. Para Pimentel (2012), o conceito que a CIFI traz é um ajustamento entre a capacidade do indivíduo e o modo de como ele interage com o meio em que vive.

Diante desse contexto, entendemos que o conceito de deficiência intelectual vem sofrendo transformações importantes, mas ainda a inclusão destas pessoas não se efetivou de forma concreta, pois ainda são estigmatizados, ou seja, são considerados como seres desviantes; isto ocorre pelo contexto histórico que categoriza a pessoa com deficiência intelectual.

O desvio é um fenômeno social, construído para pôr em evidência o caráter negativo atribuído a determinadas qualidades de uma pessoa (atributos, comportamentos ou afiliação grupal), com base nas quais esta é desacreditada e segregada. O desvio é criado e sobreposto ao atributo ou ao comportamento, quando a não conformidade destes às expectativas normativas⁴ não pode ser tolerada, sob pena de se criarem situações que podem pôr em risco aspectos da vida coletiva normal. (OMOTE, 2004, p. 291)

É importante lembrar que os alunos com deficiência ainda estão à margem de qualquer tipo de escola, pois as diferenças continuam a serem sistematicamente excluídas. Assim, Mendes (2006) evidencia que ainda corremos o risco de todo o processo de inclusão retroceder, pois ainda estamos na luta para inserir esses alunos com deficiência no contexto social. Entendendo que não basta apenas ocorrer ações políticas refletidas em leis, mas temos que colocar o processo de inclusão em prática para que haja o atendimento necessário, ocorrendo aprendizagem dentro da diversidade.

3.1 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AS RELAÇÕES COM O DUA

É possível afirmar que existem diferentes estudos que buscam compreender o processo de aprendizagem dos indivíduos. Díaz (2012) traz três concepções históricas que permeiam o conhecimento humano: a inatista, em que se acredita na crença de que a criança já nasce com as características (inteligência) herdadas dos seus pais. A segunda teoria é a ambientalista, a qual defende que a criança aprende através do meio em que está inserida. Por fim, a teoria

interacionista, defendida por Vygotsky, através da qual entende-se que a criança aprende através das suas relações culturais.

Desta forma, para Díaz (2012, p. 65), a concepção de Vygotsky enfatiza os aspectos sociais e culturais no processo da aprendizagem, assim, ele tem uma posição interacionista frente aos processos da aprendizagem da pessoa com deficiência. É importante evidenciar que, na perspectiva deste teórico, os estudos acerca da defectologia, em que o objetivo é a valorização das potencialidades das pessoas com deficiência e não de seus defeitos.

Vygotsky defende que é a partir da interação do aluno com o meio em que vive, valorizando sua cultura e valores, ocorrerá aprendizado. Diante dessas considerações entendemos que o meio social é primordial no processo de aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual.

A defectologia, a partir da compreensão de Vygotsky, deve ser entendida como uma ciência que tem como tese básica a defesa de que a criança que tem seu desenvolvimento dificultado com deficiência não é menos desenvolvida que os seus pares considerados normais, mas se desenvolve de outro modo. Assim, a tarefa principal da defectologia de Vygotsky é encontrar um sistema de atividades positivas, teóricas e práticas que possibilitem o desenvolvimento e a humanização da pessoa com deficiência. (FACCI; SIERRA, 2011, p. 132)

Nessa perspectiva, a teoria da defectologia tem como base a ideia de que podemos criar situações favoráveis que possam contribuir na aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual. Dessa forma, entendemos a importância de um ensino voltado para atenção às diversidades, pois uma das características da DI é que ela é heterogênea, cada indivíduo tem sua peculiaridade. Leite (2017), em seus estudos, afirma que Vygotsky não acreditava na estagnação da deficiência e sim, nas potencialidades das capacidades que o indivíduo apresenta. Assim, não podemos limitar a aprendizagem da pessoa com DI e sim, proporcionar atividades que atendam às necessidades individuais dos mesmos.

As discussões sobre o processo de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência intelectual nos levam a acreditar que estamos em processo de mudança referente às práticas pedagógicas, nas quais viabiliza-se a necessidade de adaptar e flexibilizar o currículo escolar, no qual se tenha o objetivo de planejar e utilizar recursos que possam facilitar o processo de aprendizagem, respeitando as especificidades de cada um.

De acordo com as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante promover atividades que identifiquem as potencialidades dos alunos, ou seja, tornem o aluno protagonista do próprio saber, desenvolvendo sua autonomia e, como consequência, um papel ativo dentro da sociedade.

Para Vygotsky (1995), a aprendizagem acontece através da interação com a cultura, ou seja, está alicerçada no contexto sócio histórico do indivíduo, em que o mesmo constrói e se reconstrói através das relações sociais nas quais ele está inserido. Assim, as redes digitais contribuem para o processo de inclusão social das pessoas com deficiência, pois este recurso promove a interação e a socialização com o outro, ficando evidente a necessidade de construção de novas práticas pedagógicas em que as redes digitais possam ser um auxílio que contribua com as relações entre professor, aluno e sociedade.

Não podemos deixar de frisar que a deficiência intelectual se configura pelo comprometimento do desempenho cognitivo. Dessa forma, o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve propor atividades que tenham como objetivo a organização dos pensamentos desses indivíduos, contribuindo para o aprendizado de conceitos que facilitem sua interação escolar e social. Assim, é necessária uma reflexão sobre o papel do professor frente às atribuições do aluno, nesse contexto, pois é de suma importância compreender como as redes digitais e as relações entre o protagonismo estudantil e a aprendizagem potencializam o desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual.

Na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (2005), a aprendizagem ocorre através da interação social, ou seja, o indivíduo reconstrói um conhecimento já existente utilizando-se dos conceitos do seu cotidiano. Nesse contexto, podemos afirmar que aprendizagem não ocorre de forma isolada e é através da convivência com o outro que o indivíduo consegue trocar informações. Desta maneira, a cultura tem um papel importante no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos.

Moran (2018), afirma que, de acordo com as pesquisas atuais da neurociência, cada pessoa aprende de acordo com o que é importante para si. O autor evidencia que toda a aprendizagem é ativa, pois exige tanto do professor quanto do aluno buscar diferentes formas de ensinar e aprender. Diante disso, entendemos que, para o aluno alcançar uma aprendizagem significativa é necessário pensar em estratégias de ensino que sejam flexíveis para todos os alunos.

Quando falamos em estratégias de ensino, Fino (2010) aborda a importância da inovação pedagógica, com a qual ele faz levantamentos sobre as possibilidades da criação de ambientes de aprendizagens com novos contextos de ensino, em que o aluno possa ter autonomia e o “professor assuma um papel periférico, isso significa tornar o aluno o ator principal no seu processo de aprendizagem”.

Nessa perspectiva, a ideia de inovação pedagógica trazida por Fino (2010), nos faz acreditar que a inserção da tecnologia no campo da educação pode se configurar como

ferramenta de aprendizagem, no qual possibilita diferentes formas de aprender, proporcionando autonomia desses alunos enquanto aprendizes. Colocar o conceito de tecnologia e inovação

[...] a inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito maior atenção à criação dos contextos da aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrados neles e na atividade deles, o essencial dos processos. E perguntando, evidentemente, o que é a incorporação de nova tecnologia pode fazer para ampliar o poder dos alunos, enquanto aprendizes, ao invés de conjecturar a exploração da tecnologia para reforçar o seu controle sobre a turma, em atividades estritamente curriculares, num processo em que é o principal agente. (FINO, 2010, p. 5)

Assim, acreditamos na importância de um currículo flexível, dessa forma trazemos as importantes contribuições que o Desenho Universal da Aprendizagem - DUA. O DUA é um conceito criado no ano de 1970, no qual é definido como uma abordagem que busca minimizar as barreiras de aprendizagem, possibilitando a utilização de vários meios e métodos educacionais, evidenciando a importância de um currículo flexível e acessível para todos.

Diante desse contexto, entendemos que o DUA tem um papel significativo no processo de aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual, pois permite que esses alunos possam viabilizar diferentes caminhos para alcançar uma aprendizagem significativa com o apoio das tecnologias.

Compreendo que o DUA tem a finalidade de contribuir com as práticas pedagógicas, com o escopo de auxiliar ao professor a desenvolver atividades que motivem e envolvam esses alunos de forma que eles possam adquirir aprendizagem independente da sua condição, colaborando no processo de aprendizagem da pessoa com deficiência, pois ele está alicerçado no conceito que visa um planejamento de uma metodologia inclusiva.

O DUA relaciona-se com práticas de ensino a desenvolver junto de alunos com e sem deficiência, centrando-se na dimensão pedagógica. Trata-se, portanto, de uma abordagem curricular que procura reduzir os fatores de natureza pedagógica que poderão dificultar o processo de ensino e de aprendizagem, assegurando assim o acesso, a participação e o sucesso de todos os alunos. (NUNES; MADUREIRA, 2015, p. 132)

É necessário ressaltar que o DUA está amparado nos princípios da neurociência, que estuda o funcionamento do cérebro e como a aprendizagem pode acontecer, estando associado à ideia de um currículo flexível, na qual é necessário que o educador esteja aberto a novas possibilidades de ensino, às quais visem às inovações nas atitudes de aprender e ensinar.

Dessa forma, o profissional da educação deverá entender que os seus alunos são pessoas constituídas de diferentes feições de aprendizagem, pois, segundo Mendes e Zerbato (2018, p. 150), cada indivíduo é único e, conseqüentemente, isso nos remete aos estilos, ritmos e modos singulares de aprendizagem em cada indivíduo; ou seja, é imprescindível a implementação de simultâneas metodologias que possam banir qualquer tipo de barreiras que esses alunos possam encontrar para alcançar seus objetivos de aprendizagem.

Decerto é necessário que as práticas educativas possam contemplar as diversidades. Amaral (1998) aborda a importância de uma pedagogia voltada para o conhecimento da diversidade, na qual é necessário o respeito às diferenças.

Se a cultura escolar é em geral, construída marcada pela homogeneização e por um caráter monocultural, inviabilizamos as diferenças, tendemos a apagá-las, são todos alunos, são todos iguais. No entanto, a diferença é constitutiva da ação educativa. Está no “chão”, na base dos processos educativos, mas necessita ser identificada, revelada, valorizada. Trata-se de dilatar nossa capacidade de assumi-la e trabalhá-la. (CANDAUI, 2008, p. 25)

Diante dessas reflexões, é conivente pensar na pedagógica da diferença, ou seja, é necessário promover situações em que o aluno possa atribuir significado às atividades que estão sendo desenvolvidas em sala de aula, assim a aprendizagem tem que estar associada à realidade do aluno, desconstruindo estereótipos e discursos de que o aluno não aprende. Discursos esses, repletos de preconceitos, pois todos nós temos a capacidade de aprender, basta saber utilizar recursos que ajude na mediação do mesmo.

Portanto, é necessário que o profissional da educação saia do modelo sistemático escolar e repense a sua prática pedagógica, compreendendo as potencialidades dos seus alunos, pensando nos fatores individuais, utilizando assim, instrumento que melhore a funcionalidade do mesmo, priorizando o desempenho e a capacidade do sujeito para exercer atividades do seu cotidiano, ajudando a promover igualdade de oportunidades para todos, entendendo as condições reais no qual aquele aluno vive.

3.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO APAE/CAEE: POTENCIALIZANDO O PROTAGONISMO ESTUDANTIL ATRAVÉS DAS REDES DIGITAIS

A associação de Pais e Amigos dos Excepcionais é uma instituição filantrópica que vem desenvolvendo seus serviços na cidade de Jacobina-Bahia, desde o ano de 1988, com referência

no atendimento à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. A instituição foi fundada por pais e amigos das pessoas com deficiência do município já citado e, até então, funcionava apenas como escola especial. Com a resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, na qual consta no Artigo nº 3 que regula: “A Educação Especial se realiza em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, tendo o AEE como parte integrante do processo educacional”.

Art. 5º. O AEE é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios. (BRASIL, 2009)

Por meio da publicação da resolução já citada a APAE/Jacobina passa a atuar também como Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE). Dessa forma, a APAE/CAEE apresenta como um dos objetivos em seu Projeto Político Pedagógico, a socialização de práticas pedagógicas que contribuam com a inclusão das pessoas com deficiência, buscando um diálogo com salas de aula regulares. Como metodologia de ensino, o CAEE/APAE desenvolve projetos específicos de acordo com a faixa etária dos alunos matriculados.

O projeto que vamos dar ênfase é o INFOAPAE, no qual temos como objetivo a utilização do ambiente computacional como recurso para o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual. Dessa forma, é possível entender que, ao fazer uso desse ambiente, acredita-se que a mediação pedagógica através dos recursos tecnológicos é de suma importância no processo de aprendizagem desses alunos.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o AEE é uma complementação/suplementação que visa promover a autonomia desses estudantes. Dessa forma, a função do AEE é propor recursos pedagógicos que eliminem as barreiras em sua aprendizagem. Desse modo, Giroto, Poker e Omote (2012) enfatizam a responsabilidade do professor de AEE de propor atividades de acordo com as necessidades educacionais discentes frisando a importância de uma mediação pedagógica, utilizando os recursos tecnológicos.

Com o avanço das pesquisas em informática e o maior acesso à Internet e às ferramentas disponíveis no ambiente virtual, bem como a ampliação das políticas públicas direcionadas ao AEE, as TIC tornaram-se um elemento imprescindível para a implementação de um sistema educacional inclusivo,

pois possibilitam o acesso às informações, acesso aos conteúdos curriculares, bem como a organização diferenciada das atividades de forma a atender as condições e características do aluno, ou seja, às suas especificidades. (GIROTO; POKER; OMOTE, 2012, p. 17)

As atividades desenvolvidas no projeto Infoapae na APAE/CAEE visam preparar os alunos para interagirem com a sociedade na qual eles estão inseridos, incentivando-os na busca por sua autonomia, promovendo atividades como pesquisas em sites diversos, jogos educativos on-line, criação de blogs e perfis nas redes sociais, fazendo com que esses alunos se tornem mais participativos e crédulos de suas potencialidades. Para Rodrigues (2012, p. 39) “o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação são oportunidades para respeitar identidades, criando ambientes de aprendizagens na diversidade”.

Galvão (2004) aponta que a utilização das tecnologias a favor da educação deve ser vista como mediações estruturantes, que ajude o aluno com deficiência a pensar de forma independente, ou seja, a pensar por si próprio, tornando-se um indivíduo operativo e, como consequência, protagonizando seu próprio processo de aprendizagem. Assim, para compreender melhor o que seria um aluno protagonista da sua aprendizagem.

Segundo Costa (2016), no campo da educação um aluno protagonista é aquele que tem participação ativa dentro dos espaços educacionais e fora destes. Dessa forma, precisamos nos utilizar de metodologias ativas, buscando a participação dos discentes no seu processo de aprendizagem. Moran (2018) afirma que quando utilizamos metodologias ativas estamos possibilitando espaços em que busca-se entender que o professor não é o detentor de saberes, mas sim, mediador, que dialoga e interage com os conhecimentos vindos os seus alunos.

As metodologias ativas se caracterizam por favorecer o protagonismo estudantil, pensando em um aluno reflexivo no seu processo de aprendizagem. Dessa forma, compreendemos a importância de explorar os espaços midiáticos para alcançar uma aprendizagem significativa, na qual, segundo Moran (2018), necessita-se que o professor se disponha como um parceiro na construção do conhecimento, para que o aluno possa se colocar no centro no processo da sua aprendizagem.

Sabemos que vivemos em uma sociedade repleta de constantes mudanças, permeadas de bastante informação, assim é possível observar que o projeto INFOAPAE almeja uma inclusão digital desses discentes, pois ainda ocorrem preconceitos no que tange às potencialidades dos alunos com deficiência. Esta afirmação decorre dos discursos dos alunos, quando chegam ao ambiente da sala de informática, em que muitas vezes chegam a dizer que nunca tiveram acesso às redes, pois a família articula que ele não sabe utilizar um computador, ou um celular.

Esta visão capacitista reforça e contribui para o preconceito e os estereótipos que cercam as pessoas com deficiência, quando duvidam da sua capacidade de aprender e de se socializar, por esta razão as propostas de inclusão digital, desenvolvidas pelo CAEE/APAE, buscam construir uma educação que visa a valorização da utilização de instrumentos e recursos que possibilitem a aprendizagem significativa da pessoa com deficiência.

Diante dessas discussões percebe-se que as redes digitais e a inclusão constituem relações aderentes. Junior (2012, p. 122) conceitua que a inclusão é um processo que visa valorizar as individualidades dos sujeitos de modo a utilizar recursos que possam fazer aflorar suas potencialidades. Assim, os professores de AEE precisam ter formação adequada para que possam colocar em prática o que está posto no Art. 13 da Resolução CNE/CEB nº 4/2009, que estabelece que uma das atribuições do professor de AEE é promover a autonomia, de modo a ensinar o uso das tecnologias ampliando as habilidades desses alunos.

O papel do professor e a sua redefinição, devem ampliar suas competências para lidar com as transformações da Ciência e da Tecnologia. Esses são um dos grandes desafios a serem superados, associados à capacidade de planejar e desenvolver no alunado as competências relacionadas a uma cultura audiovisual, digital e inclusiva que assegurem um nível de alfabetização digital e de cultura inclusiva. (JUNIOR, 2012, p. 122)

Desse modo, compreendemos que não basta ter os recursos disponíveis, mas a formação inicial dos professores é de suma importância. Nesse sentido, Figueiredo (2011) defende a formulação de conhecimento transformando a prática pedagógica. Nessa perspectiva, o professor também é aprendiz, mas isso só será possível dentro do espaço coletivo; assim poderão ocorrer mudanças na cultura que permeia sobre o conceito de ensino e aprendizagem, sendo imprescindível uma reflexão do próprio trabalho pedagógico.

3.3 INTERATIVIDADE: O ALUNO EM REDE

Ao pensar a tecnologia como um potencializador de aprendizagem, devemos romper com a ideia do sistema de ensino tradicional, no qual existe uma passividade do aluno, em que ele está ali em uma aprendizagem unidirecional, além disso, esta metodologia de ensino configura-se desarticulada da sociedade atual. Dessa forma, é preciso pensar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como instrumento de ensino, que têm como objetivo oferecer momentos de maior interação tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Para Pretto (2011), é necessário pensar nas tecnologias digitais como elementos de transformação da educação e da sociedade, pois é necessário pensar na tecnologia para além de ferramentas que transmitem informação, pois a mediação através do uso da tecnologia contribui para a formação de novas práticas sociais.

Portanto, ratifica-se a necessidade em pensar as Tecnologias como mecanismo provocador na alternância do paradigma didático-metodológico que vigora na maioria das instituições de ensino. Ao mesmo tempo em que, esse fenômeno canaliza as potencialidades da Tecnologia da Informação e Comunicação, como constructo que pode alavancar a estruturação cognitiva. (REZENDE; MOURA, 2014, p. 135)

Assim, a interação entre o indivíduo e as redes digitais permitem grandes avanços como potencializadores de pensamentos, permitindo assim, uma troca de ação, fazendo com que o aluno se torne um sujeito operativo. Dessa forma, desenvolver atividades interativas permite que o aluno, não seja apenas o receptor da mensagem, mas sim, que ele possa participar e recriar novas formas de comunicação. Silva (2011) afirma que, para que haja uma verdadeira interatividade, é preciso que exista uma co-criação, ou seja, é necessário que haja uma intervenção no ato da comunicação entre os usuários. Assim, a proposta de interagir através de um meio de comunicação digital é um ato de corresponder às ações dos interlocutores.

Interatividade é um princípio do mundo digital e da cibercultura, isto é, do novo ambiente comunicacional baseado na internet, no site, no game, no software. Interatividade significa libertação do constrangimento diante da lógica da transmissão que predominou no século XX. (SILVA, 2011, p. 01)

É preciso destacar que existem inúmeras discussões em torno da definição do termo *interatividade*, havendo assim uma certa banalização da expressão, como alguns lançamentos de jogos interativos, programas de TV, livros, etc. Andrade (2008) remete a essa banalização

acreditando que interatividade seja uma palavra contemporânea se tornando assim um bem vendável.

Com a necessidade e surgimento de novas maneiras de acontecer a comunicação entre os sujeitos, as mídias digitais fazem surgir novos conceitos de interatividade estimulando assim novas interações sociais.

[...] Acredito que o termo “interativo” (inter + ativo) auxilia-nos com mais precisão na construção de uma forma didática de compreensão do nosso objeto em discussão, podendo considerar que ativo é o posicionamento que o receptor assume no processo, enquanto o inter é o produto que brota entre os agentes do diálogo, ou seja, a mensagem gerada sob atuação dos dois (ou mais) indivíduos presentes no processo de comunicação. (ANDRADE, 2008, p. 207)

Assim, entendemos que interatividade é a troca de mensagem que possibilita o receptor a intervir nessa comunicação, podendo opinar e modificar a mensagem recebida. Diante disso, é preciso compreender como acontece a interatividade nas redes digitais, pois sabemos que vivemos em uma cultura da convergência digital. Jenkins (2009) aborda como ocorre a interação dos usuários com esses novos meios de comunicação, definindo a cultura da convergência como a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos, ou seja, é um procedimento tecnológico, no qual os usuários são impulsionados a procurar por novas informações sendo participativos. Desta maneira acontecem as interações sociais, ocorrendo uma troca de informações.

Segundo Pierre Lévy (1999), essas trocas de conhecimento através das redes digitais são denominadas como inteligência coletiva, através da qual o próprio usuário suscita o conteúdo, proporcionando que outros indivíduos possam dialogar dando sua opinião sobre o tema proposto, acontecendo assim uma interação entre esses usuários, ou seja, é a aprendizagem acontecendo em rede.

Não podemos deixar de frisar que Pierre Lévy nos chama atenção para a utilização do termo interatividade, entendendo que todo receptor de informação é um sujeito ativo e nunca passivo, pois cada receptor tem uma maneira individual de interpretar e decodificar as informações.

Diante dessas considerações, fica claro que as redes digitais estão cada vez mais presentes no cotidiano dos indivíduos, entretanto ainda se observa a falta de espaços comunicativos entre a escola, o aluno e o professor; assim fica perceptível a necessidade de atividades interativas nas quais ocorra uma troca de conhecimentos, fazendo-se perceber que existem diversas formas de ensino, que não seja apenas da maneira convencional, como vem acontecendo na maioria dos espaços educativos.

Diante desse contexto, entendemos que, quando o professor faz uso da tecnologia, a favor da educação, ele está permitindo que seus alunos tenham experiências didáticas que eles já vivem fora dos espaços escolares. Isto significa usar o conhecimento de mundo que o aluno já traz para dentro da sala de aula, fazendo com que a aprendizagem aconteça de forma significativa, renovando as situações de interação e comunicação na sala de aula.

É necessário frisar que não estamos afirmando aqui que o uso das redes digitais se configura como a salvação dos problemas educacionais, mas acreditamos no seu potencial, no que tange à importância das tecnologias das relações humanas. Isso quer dizer que essa aprendizagem vai muito mais além do que somente aprender conteúdos, ou seja, é a necessidade de oferecer um aprendizado amplo, é o que podemos chamar de aprendizado social.

Romancini (2015, p. 91) define o aprendizado social como aquele que busca conexões com as experiências reais vivenciadas pelos indivíduos. Assim, em seu artigo, ele traz uma entrevista com os autores Colin Lankshear e Michele Knobel, na qual, em resposta, esses autores afirmam a relevância do aprendizado social, pois “a aprendizagem social enfatiza aprender a ser e não simplesmente aprender sobre” (ROMANCINI, 2015, p. 94).

Nesse contexto, acreditamos que aprendizagem acontece através das interações no contexto social em que o indivíduo está inserido, assim entendemos a importância da tecnologia das relações humanas para esses alunos, pois, ao tentar utilizar essas ferramentas, estão buscando novas maneiras de solucionar problemas e novas formas de comunicação.

Eles devem explorar e resolver problemas, e podem encontrar um arranjo ou solução alternativa. E quando fazem isso, frequentemente compartilham on-line ou face a face com os pares envolvidos na mesma atividade. Muito provavelmente irão para algum fórum ou site onde podem encontrar outras pessoas discutindo o problema ou questão, sugerindo soluções e explicando sua natureza e por que uma solução deve funcionar. (ROMANCINI, 2015, 94)

Desta forma, entendemos que estamos buscando outras possibilidades de ensino e aprendizagem, em que não desmerecemos o aprendizado dos conteúdos exigidos na educação formal, mas compreendemos que a aprendizagem social promove um “aprendizado em profundidade” é o que Romancini (2015) define como um aprendizado a partir dos interesses desses alunos, despertando a criatividade e a inovação.

Nesta perspectiva Loureiro (2021) faz uma reflexão sobre a importância de se pensar em uma educação que busque realizar uma formação de sujeitos ativos dentro da sociedade, capazes de interagir e expor suas ideias, ou seja, esses alunos deixam de ser apenas receptores e passam a ser reprodutores do conhecimento.

Os sujeitos que fazem uso das redes digitais estão ligados a outros sujeitos de forma alheia às suas escolhas pessoais, conscientes e reflexivas, pois a emissão e a recepção de informações não são totalmente controladas pelas ações humanas desempenhadas na rede. (LOUREIRO, 2021, p. 189)

Assim, o uso das redes digitais nos oferece a possibilidade de transformação, em que impulsionam a educação. Portanto, fica perceptível a importância de se fazer pesquisas que abordem as interações do aluno com o meio em que vive, através de redes digitais interativas, incentivando novas práticas pedagógicas associadas ao uso de multimídias, com o objetivo de favorecer novas probabilidades de aprendizagem.

Serafin e Souza (2011, p. 25) trazem uma reflexão sobre a importância das escolas acabarem com o distanciamento entre a cultura escolar e a cultura da juventude, enfatizando que os alunos, ainda não se sentem seguros para expor suas ideias, para que se tornem participativos e aconteça um aprendizado mútuo.

[...] a escola precisa focar mais a construção de pessoas cada vez mais livres, evoluídas, independentes e responsáveis socialmente. Uma escola interessante, aberta e estimulante, que descortine novos horizontes profissionais, afetivos, sociais, e que favoreça escolhas mais significativas em todos os campos. Uma formação que ajude os alunos a acreditarem em si, a buscarem novos caminhos pessoais e profissionais, a lutarem por uma sociedade mais justa, por menos exploração, que dê confiança aos jovens para se tornarem adultos realizados, afetivos, inspiradores. (MORAN, 2013, p. 16)

Dessa forma, entendemos que hoje o termo TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) que estão trabalhando dentro dos espaços escolares, precisa ser vistos por outros olhares, é preciso que as TDIC se tornem instrumentos que possam incentivar nossos alunos a adquirir conhecimento através da autoconfiança e a viver em uma sociedade em grupo, transformando suas experiências de vida em um processo contínuo de aprendizagem, compreendendo suas emoções, ajudando-os a desenvolver suas habilidades. Por isso acreditamos que o que chamamos de TDIC deveria se chamar “tecnologias das relações humanas”, justamente por enfatizar essa dimensão das relações humanas que vai além de apenas técnicas de aprendizagem.

Fala-se muito em utilizar as tecnologias dentro dos espaços escolares, afirmando ser ensino inovador, mas precisamos também oferecer ambientes acolhedores, onde se leve em consideração as emoções, construção de identidade, criação de vínculos, almejando uma aprendizagem tanto dentro dos ambientes educacionais, como em casa, nos bairros e também nas redes sociais.

Nessa perspectiva, Moran (2013) compreende que uma educação inovadora se confira em um conjunto de vários eixos, no qual se insere o desenvolvimento da autoestima e na formação de alunos com valores individuais e sociais. Com isso, entendemos que o uso de instrumentos tecnológicos na educação torna o ensino muito mais acolhedor quando está interligado a estes eixos já citados. Dessa forma, a aprendizagem acontece de forma mais eficaz, criativa e inovadora quando utilizamos de mecanismo que ajude os alunos a caminhar por si só, integrando as dimensões intelectual, emocional e comportamental. (MORAN, 2013, p. 17).

Essas considerações nos levam a refletir sobre a seriedade da pedagogia interativa, pois quando o aluno está envolvido no seu processo de aprendizagem, ele se mostra mais interessado, pois foge de padrões lineares.

Através da multimídia tem-se uma nova estruturação de como apresentar, demonstrar e estruturar a informação apreendida. O computador mediante texto, imagem e som interrompe a relação autor/leitor que é claramente definida num livro, passa para um nível mais elevado, reconfigurando a maneira de como é tratada esta relação. A interatividade proporcionada pelos aplicativos multimídia pode auxiliar tanto na tarefa de ensinar quanto na de aprender. (SERAFIN; SOUZA, 2011, p. 27)

Muito se tem discutido sobre a nova era digital, na qual as informações chegam com mais rapidez. Dessa forma, os espaços educativos devem se adequar a essa nova realidade ampliando a liberdade de estabelecer conexões, ou seja, interações que lhe convém. Para Barros e Carvalho (2011, p. 220), “investir na interatividade significa investir em novos caminhos, em novos desafios, que serão superados no fazer coletivo, na superação individual”.

Essa proposta de ensino interativo é o que chamamos de aprendizagem colaborativa, através da qual o aluno é direcionado a ter autonomia. Para Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, assim ele defende que o professor deve aproveitar a experiência social desses alunos, trazendo para a sala de aula a realidade concreta, associando com o conteúdo que deverá ser trabalhado.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O estudo proposto está ancorado na abordagem qualitativa. Para Ferreira (2015), esse tipo de abordagem busca compreender a realidade humana e os seus comportamentos, analisando os fatores sociais aos quais os participantes pertencem, assim pretendemos utilizar a pesquisa-ação colaborativa, o que possibilitará uma aproximação e um diálogo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, buscando uma edificação coletiva de saberes.

Para Thiollent (1986), nesse tipo de pesquisa os pesquisadores assumem um papel ativo na avaliação dos problemas encontrados. Assim, através dos caminhos metodológicos pretendidos nesta pesquisa, busca-se a participação plena de todos os participantes objetivando transformações por meio de instrumentos que permitem aos participantes refletirem sobre suas ações no ambiente em que estão inseridos.

[...] pesquisas de âmbito colaborativo podem trazer ricas contribuições tanto às vivências das práticas educacionais, quanto ao campo acadêmico. Por meio dessa concepção de pesquisa, podem-se revisitar as ações cotidianas em busca das transformações e melhorias dos contextos. Cabe ao pesquisador a clareza de seu papel diante da proposta e não possuir uma visão enrijecida frente aos processos de pesquisa que serão articulados em acordo com as demandas e possibilidades do grupo ao qual está inserido. Mediar e dar sentido às tensões vivenciadas é outra atribuição desse pesquisador que precisa compreender que a manifestação das ideias divergentes pode ser ricas oportunidades de amadurecimento do grupo e conseqüentemente de encaminhamentos da pesquisa. (GAVA; ROCHA; GARCIA, 2018, p. 80)

Diante das considerações, esta pesquisa possibilitou o fortalecimento do diálogo entre discentes e docentes na esfera de compartilhar e devolver atividades de forma cooperativa. Para alcançar os objetivos desta pesquisa utilizamos como instrumento a observação participante para a construção das informações produzidas pelo grupo.

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. (MINAYO, 2001, p. 59)

Compreendemos a importância desta técnica, pois o pesquisador poderá captar fatos da realidade que não são obtidos com perguntas, mas sim, desenvolvendo uma participação nas atividades do cotidiano do grupo em questão; além disso, utilizamos o diário de bordo para relatar as ações dos alunos diante das atividades propostas e como ocorrem essas interações. Dessa forma, para Lima, Miotto e Dal Prá (2007), o diário de campo deverá ser preenchido diariamente com todas as situações e falas dos sujeitos durante as oficinas.

Ressaltamos que os nomes dos participantes são fictícios para preservar a identidade dos mesmos. Utilizamos também do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual os responsáveis pelos alunos assinaram e estão cientes dos seus direitos no que se refere ao respeito com os participantes. Essa pesquisa foi submetida e aceita pelo Comitê de Ética. Todos os usos de imagem foram autorizados.

A pesquisa envolveu 6 alunos com deficiência intelectual leve e moderada e seus responsáveis. As entrevistas foram realizadas com os responsáveis dos alunos, pois teve como objetivo identificar a percepção da família em relação à oficina “*interatividade em rede*”, buscando compreender como a oficina contribuiu nas relações sociais dos alunos participantes.

4.1 O PRODUTO CONSPIRADO

Levando em consideração que esta pesquisa se baseia na concepção da educação continuada pelo modelo crítico-reflexível defendido por Tozetto e Souza (2011), no qual a formação continuada é uma maneira de aprimorar o trabalho profissional, pois se fundamenta na capacidade crítico-reflexível que o profissional mantém sobre sua prática, ocorrendo assim uma edificação do conhecimento profissional.

Nesse contexto, entendemos que é de suma importância à conversação entre os profissionais para solidificar conhecimentos que nascem do exercício profissional. Nessa perspectiva, desenvolvemos um produto de intervenção que se caracteriza por uma oficina interativa, que foi intitulada como *Interatividade em rede*. O desenvolvimento da oficina contribuiu com os professores tanto na área da educação especial, como os professores do ensino regular; acreditando na potencialidade da criação de um grupo interativo, compartilhando as atividades sendo realizadas pelos alunos, no decorrer da oficina, no que tange ao uso das redes digitais.

Para alcançar os resultados desejados realizamos um plano de ação que foi elaborado com a colaboração de todos os professores, através do qual desenvolvemos atividades que

ajudaram aos participantes da pesquisa a conhecerem quem são e suas diferenças. Sabemos, que, devido à deficiência intelectual, muitos alunos sentem vergonha ou medo de dizer o que pensam, quem são e o que gostam de fazer. Falar sobre seus sentimentos ainda é muito difícil, por isso essa proposta possibilitou a desconstrução de estereótipos que ainda cercam as pessoas com deficiência intelectual.

Nos dias atuais, a sociedade na qual vivemos ainda não acredita nas potencialidades de uma pessoa com DI e acaba compartilhando de um discurso negativo acerca deste assunto. Isso ocorre por falta de informação sobre o que é uma pessoa com deficiência intelectual. A DI é um déficit cognitivo que dificulta ao indivíduo realizar algumas atividades do nosso cotidiano, mas isso não quer dizer que ele não seja capaz de realizar, só precisa de um tempo maior do que as pessoas típicas. Assim, podemos afirmar que o imaginário social acerca da pessoa com DI é um dos motivos que impedem a sociedade de enxergar a pessoa que existe por trás daquela deficiência. Ou seja, uma pessoa com DI pode jogar bola, namorar, cozinhar, trabalhar, dentre outras atividades, e com isso surge a necessidade de construir estratégias que possam dar visibilidade a esses indivíduos.

Muitas pessoas com DI entram em depressão por se sentirem excluídas da sociedade a que pertence. Nessa perspectiva, acreditamos na potencialidade das redes digitais, pois elas contribuem para diminuir o preconceito, a exclusão social, a discriminação e potencializa a autoestima, proporcionando novas maneiras de interagir e se comunicar. Dessa forma, as atividades desenvolvidas na oficina possibilitaram o levantamento de questionamentos que contribuíram para que os alunos pudessem falar sobre si, como é ser uma pessoa com deficiência intelectual e as coisas que são capazes de fazer, prevenindo situações que possam desencadear solidão, tristezas e, como consequência, depressão; tudo isso interagindo em redes digitais como: produção de mural interativo, *podcast*, vídeos interativos e informativos.

O anseio que moveu esta pesquisa vem acompanhando de um sentimento e desejo de mudança que implica na forma de como a sociedade enxerga as pessoas com deficiência. Dessa maneira, o produto de intervenção, que se configura na oficina, possibilitou a interação desses alunos através do uso das redes digitais. Assim, pudemos verificar a potencialidade dessas redes, levando em consideração que elas não se limitam apenas às redes sociais, mas sim se configuram como diferentes maneiras de se comunicar, proporcionando também a inclusão social através destas interações. Diante disso, o plano de ação desenvolvido tem como um dos objetivos provocar e analisar as ações dos alunos em rede a partir das atividades propostas, observando as reações dos internautas ao verem essas manifestações e como os alunos se posicionaram após essa relação com os internautas.

Dessa forma, a oficina interativa, promoveu diálogos, instigando os alunos a interagirem em rede, onde foi observando como o público (internautas) interagiu com esses alunos, fazendo com que esses internautas conhecessem o que é ser uma pessoa com deficiência intelectual, deixando de apresentar atitudes de discriminação e preconceito sobre esse assunto. Diante dos dados coletados, compreendemos como os processos de interação nas redes digitais dos alunos com deficiência intelectual do CAEE/APAE de Jacobina-BA potencializam seu protagonismo e suas aprendizagens.

Assim, essas atividades aconteceram em forma de oficina, com duração de cinco encontros de uma hora cada um. Ocorrendo quatro encontros para a realização das atividades, no quinto encontro ocorreu uma *live* com os alunos para a culminância da oficina e nela eles puderam relatar sobre as atividades desenvolvidas por eles e como elas contribuíram nas suas relações sociais e no seu desenvolvimento pessoal. É necessário ressaltar que a quantidade de encontros foi atribuída devido ao tempo que os alunos conseguem interagir em uma proposta como esta; isso ocorre devido sua deficiência, dessa forma a oficina não pode se estender para um tempo maior.

De acordo com o plano de ação (em anexo), a proposta de intervenção buscou uma inclusão em rede, fazendo um movimento digital, no qual investimos na produção de atividades interativas, produzidas e compartilhadas pelos próprios alunos, onde foram realizados relatos do seu dia a dia.

Estas atividades foram compartilhadas em um grupo interativo on-line, no qual criamos um grupo no *Whatsapp* e uma página no *Instagram*, transformando essas redes em espaços de participação efetiva de toda comunidade escolar, social e familiar. É necessário ressaltar aqui, que esses alunos interagiram em rede com o acompanhamento de um membro da família. É necessário ressaltar que eu, enquanto pesquisadora, pude acompanhar como ocorreu a interação desses alunos em rede, com cada aluno mediado por um dos seus familiares. Ao final de cada encontro era realizado um grupo de discussão para identificar como estava sendo a experiência de interação de cada aluno, identificando: o que ele sentiu com a atividade, o que faria diferente, o que achou da interação dos internautas referente às suas publicações, dentre outros.

5 OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E OS SEUS FALARES EM REDE

Vários são os métodos de utilização das redes digitais como recursos de ensino e aprendizagem. No caso específico do projeto atual, preferiu-se utilizar as redes digitais interativas como estratégias para proporcionar autonomia e a inclusão social dos alunos participantes da pesquisa com deficiência intelectual. Nesta perspectiva, descreverei como ocorreu a oficina de inclusão através das redes, travando uma discussão sobre a importância das possibilidades que as redes digitais interativas nos oferecem na melhoria das relações sociais e, como consequência, como ela contribui para a inclusão social e o desenvolvimento desses alunos.

Seguindo a teoria de aprendizagem de Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá a partir da sua interação com o meio no qual ele vive, isso quer dizer que a aprendizagem não acontece de forma isolada, mas está alicerçada em fatores culturais e sociais, fazendo com que esse indivíduo se reconheça como sujeito ativo.

Diante destas considerações, as discussões que foram abordadas aqui durante a realização das atividades propostas nesse estudo, ocorreram de forma planejada de acordo com o plano de ação em anexo. Em diálogo com a gestão da instituição, optamos por não gravar a oficina, devido ao fato de alguns alunos mudarem o comportamento e ficarem recuados ao saberem que estavam sendo gravados. As oficinas foram realizadas uma vez por semana, sempre às sextas-feiras, entre os dias 10.06 a 16.07, quando pude observar diálogos muito ricos, o qual me fez perceber a importância da pesquisa em cada encontro, nos quais os alunos conseguiam expressar suas emoções através das redes digitais.

5.1 DESCRREVENDO A OFICINA “INTERATIVIDADE EM REDE”

Criamos um grupo no *WhatsApp* com os participantes da pesquisa, para que eles pudessem interagir, antes de dar início de fato às oficinas. No decorrer desse tempo, os participantes mostraram alegria por estarem em um grupo no qual eles poderiam trocar

mensagens com os seus colegas e eu, como professora pesquisadora. Foi possível perceber, logo nesse primeiro momento, que, apesar de esses alunos estarem conectados em redes, eles ainda se sentiam um pouco isolados dentro desse mundo digital. É necessário frisar que apenas 2 dos participantes sabem ler e escrever, por este motivo trocamos mensagens através de áudios curtos.

No dia 11.06, tivemos nossa primeira oficina através de vídeo-chamada pelo *WhatsApp*, apenas 1 dos participantes não atendeu à chamada. O nosso primeiro encontro foi para que eles pudessem conversar um pouco, falar dos seus sentimentos e falar um pouco sobre si mesmo. Depois de ouvi-los, montamos um mural interativo, no qual eles tiveram autonomia para escolher sua foto preferida e enviar no grupo do *WhatsApp* e ainda informar o que deveria ser escrito em sua descrição pessoal. Depois de pronto, compartilhamos no grupo de *WhatsApp* e, a partir daí, eles começaram a compartilhar com suas famílias, pedindo para que elas comentassem e interagissem junto com eles. Esse mural pode ser acompanhado através do link: <https://padlet.com/maiarajacobina/5obshbdqo8h8cj67>, e segue aqui também anexo a este texto.

Seguindo a luz de Kenski (2012), os ambientes de aprendizagens virtuais possibilitam a oportunidade de os alunos serem protagonistas da sua aprendizagem, ou seja, para que eles possam escolher seus caminhos de acesso à informação, afastando-se assim, de modelos de ensino tradicionais.

Esses espaços virtuais de aprendizagens oferecem condições para a interação (síncrona e assíncrona) permanente entre os usuários. A hipertextualidade – funcionando como sequências de textos articulados e interligados, entre si e com outras mídias, sons, fotos, vídeos etc. Facilita a propagação de atitudes de cooperação entre os participantes, para fins de aprendizagem. (KENSKI, 2012, p. 95)

Assim, o nosso primeiro encontro foi marcado como a primeira tentativa de garantir a autonomia do aluno, transformando o uso das redes interativas em ações educativas e também foi possível observar o quanto essas estratégias pedagógicas possibilitam o aumento de sua autoestima.

Através da construção desse mural interativo, os alunos puderam comunicar suas escolhas, já que muitas vezes, eles não têm espaços para expressar seus sentimentos; dessa forma, ao escolher a foto e falar sobre si, falar “quem sou eu”, possibilitamos que outras pessoas pudessem conhecer as habilidades de uma pessoa com deficiência intelectual. Assim entendemos que o conhecimento gera a inclusão.

No encontro do dia 18.06, iniciamos com a conversa sobre a importância da vacina contra o COVID-19 para todos nós, levando em consideração que, na semana anterior, todos os participantes da pesquisa tomaram o imunizante. No diálogo, eles expressaram o que sentiram ao tomar a vacina, seus medos e expectativas sobre o pós-pandemia. É importante destacar que os nomes citados abaixo são fictícios para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

Eu gostei, porque vamos ficar livres da corona vírus. (LUAN, Informação verbal)

Sabe pró, eu não fiquei com medo não, mas vou te falar a verdade: tem umas enfermeiras que têm a mão muito pesada, aí nosso braço fica doendo e a gente fica com febre. (ANABEL, Informação verbal)

Pró, não doeu não, mas eu fiquei com medo porque minha mãe disse que faz mal para a gente essa vacina, mas eu tomei. (ANA, Informação verbal)

Eu tomei para ficar livre dessa corona vírus e poder ver minhas amigas e ir para APAE. (ANABEL, Informação verbal)

Logo após esse diálogo, decidimos criar uma conta no *Instagram* para compartilhar tudo que estávamos produzindo nas oficinas. Dessa forma, combinamos de montar um vídeo com as fotos dos participantes sendo vacinados. Ao utilizar esse registro fotográfico e transformar em vídeo, os alunos se sentiram confiantes, pois a imagem se transformou em um “grito”. É o que se pode afirmar diante das reações dos participantes, um grito de coragem, como se eles dissessem: *Ei, eu estou aqui, eu também sei o que está acontecendo no mundo.*

Esta atividade apoia-se na valorização de todos e um dos objetivos é fazer com que os internautas compreendam que as pessoas com deficiência intelectual também são protagonistas de suas opiniões.

Uma educação inovadora se apoia em um conjunto de propostas com alguns grandes eixos que lhe servem de guia e de base: o conhecimento integrador e inovador; o desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento (valorização de todos); a formação de alunos empreendedores (criativos, com iniciativa) e a construção de alunos cidadãos (com valores individuais e sociais). (MORAN, 2013, p. 13)

Assim, destacamos a importância de se utilizar da cultura visual através da utilização de recursos tecnológicos, a fim de proporcionar aos alunos independência e inclusão social.

O nosso terceiro encontro virtual aconteceu no dia 25.06. Iniciamos o diálogo com os alunos expressando as coisas que cada um gosta de fazer e como a família contribui para a

realização dessas tarefas. É importante ressaltar que essas atividades foram realizadas com a ajuda da família e a todo instante eu estava em contato com o responsável dos participantes, através de trocas de mensagens via *WhatsApp*.

Eu gosto de correr, minha mãe me ajuda ela fica mandando eu ir correr na esteira, mas eu não gosto. Eu gosto de correr na rua, é muito bom. (LUAN, Informação verbal)

Pró, eu gosto de tudo, mas o que eu gosto mais é de dançar, vou fazer um vídeo eu dançando para senhora ver. (JOANA, Informação verbal)

Eu não gosto dessas coisas de correr, malhar. Eu gosto de comer, vou fazer um vídeo eu na cozinha. (JANAÍNA, Informação verbal)

Eu não gosto de fazer nada não. (ANABEL, Informação verbal)

Depois desse diálogo, foi solicitado que cada um pedisse ajuda à família para registrar o que ele gosta de fazer; logo depois, no grupo interativo, começaram a chegar diversas fotos e áudios dos alunos que estavam eufóricos para ter seus materiais publicados no Instagram.

O quarto encontro que ocorreu no dia 02.07, iniciamos a conversa falando sobre as atividades de vida diária e como eles conseguem desenvolver com ou sem a ajuda da família. Sabemos que, por conta da deficiência intelectual, algumas pessoas ainda acreditam que esse tipo de deficiência impede que o indivíduo realize ações como: cozinhar, lavar, passar, dar comida aos animais, dentre outras atividades de vida diária. O objetivo da atividade, nesse encontro, foi induzir aos alunos a falarem sobre suas habilidades. Assim, identificamos coisas simples do dia a dia, das quais eles começaram a falar de maneira orgulhosa, coisas que realizavam sem ajuda dos familiares. Os alunos se sentiram entusiasmados em falar e mostrar o que sabem fazer, elevando assim a sua autoestima. Registramos e compartilhamos tudo isso no nosso *Instagram* interativo.

Um detalhe que me chamou atenção foi que todos eles ainda não utilizam o fogão sozinho, pois a família não deixa. Podemos observar na fala de Joana:

Eu lavo prato, dou comida ao cachorro e também cuido do meu tio que é doente, varro a casa. Só não faço comida, pois minha mãe disse que eu sou nova e não sei ligar o fogão. (JOANA, Informação verbal)

Assim, a proposta da atividade era fazer com que a família ajudasse esses alunos a registrarem os momentos deles realizando as atividades. Foi um momento de muita euforia no grupo interativo, a maioria já começou a enviar as fotos para comprovar e mostrar a todos do nosso *Instagram* o que eles podem fazer. Dentro dessa perspectiva, iniciamos uma conversa

também sobre a expectativa de cada um quando ficassem mais velhos, seus sonhos. Muitos ficaram envergonhados em falar sobre namorar, casar, ter filhos, pois, segundo eles, é difícil namorar, pois ninguém conversa com eles:

Pró, eu sei fazer tudo e meu sonho é casar e morar com meu marido, sem minha mãe. (JANAÍNA, Informação verbal)

Apenas Janaína quis falar sobre o assunto, os outros participantes não quiseram falar sobre suas expectativas para o futuro. Dessa forma, Janaína me perguntou se ela poderia publicar uma foto com o namorado em suas redes sociais. Eu disse que sim e que poderia ajudá-la a fazer isso. A atitude de Janaína possibilita a oportunidade de que as pessoas olhem para ela como uma pessoa que tem uma vida social como qualquer outra, levando em consideração que a publicação de Janaína teve muita participação em forma de comentários dos internautas. Observe os comentários nas figuras abaixo.

Figura 03 - Comentários no Instagram 1



Fonte: @raquel_snoliveira, 2021

Figura 04 – Comentários Instagram 2



Fonte: @euquefiz.doces, 2021

Figura 05 – Comentários Instagram 3



Fonte: @raillanemascarenhas, 2021

A utilização das redes digitais interativas, na perspectiva da cultura visual, proporciona aos alunos com deficiência intelectual a experiência de poder se expressar e se comunicar, a produção de um vídeo, uma foto, vai muito mais além do que uma forma de entretenimento e sim, uma ferramenta para a superação de limites e desconstrução de preconceitos, dando sentido a essas experiências visuais construídas ao longo da oficina. Segundo Gomes (2020, p. 31), “as imagens exercem um poder de comunicação no fluxo das ideias”. Assim, seguindo a luz de Gomes, compreendemos que essas ideias, ao serem compartilhadas, influenciam os modos de agir e pensar dos internautas.

O último encontro, que seria no dia 16.07, teve que ser adiado por conta de problemas de saúde de um dos participantes e, em acordo com a família do aluno, a qual estava achando muito importante os encontros, decidimos esperar ele melhorar para dar continuidade à oficina. Mas diante desse acontecido, a interação não ficou parada: no grupo de *WhatsApp*, a todo tempo chegavam mensagem deles, interagindo e se divertindo entre eles. Ficou perceptivo que esses

alunos andavam muito ansiosos para que a oficina voltasse e todos os dias eu recebia mensagens de voz perguntando: “Pró, que dia você vai ligar pra gente de novo”. No caderno de campo, registrei estas ocorrências.

Percebi que as oficinas estavam trazendo um pouco de esperança para esses alunos, pois ficou clara de como os alunos encontraram segurança naqueles encontros. É como se dissessem “Eu preciso falar, que dia vamos conversar de novo”. E mesmo sem passar nenhuma atividade, eu estava ali, fazendo a ligação, que era o que eles mais queriam. (CADERNO DE CAMPO, 16.07.2021)

Então retornamos nossa oficina no dia 16.07, iniciando um diálogo com o aluno que estava afastado das atividades e ele se mostrava ansioso para dar continuidade. Nesse dia, fizemos um sorteio para ver quem iria brincar de perguntas e respostas no Instagram e interagir junto com os internautas. O aluno sorteado foi até a APAE para que eu pudesse gravá-lo e fazer as perguntas. Lembrando que seguimos todo o protocolo de segurança, referente à saúde e ao bem estar desse aluno. Uma das perguntas que um dos internautas fez para o aluno foi:

Você estuda? E como é sua relação com seus colegas na escola?
(INTERNAUTA 1, Informação verbal)

Ao que se seguiram a resposta do aluno e uma provocação da pesquisadora:

Eu não tenho amigos, ninguém gosta de mim. (LUAN, Informação verbal)

Por que você acha que ninguém gosta de você. (PESQUISADORA, Informação verbal)

Porque eu sou diferente. (LUAN, Informação verbal)

No momento da entrevista, ficou perceptível a necessidade desse aluno de mostrar às pessoas quem ele é, desta forma, a rede interativa ajudou-o a expressar seus sentimentos e, diante de alguns elogios que ele também recebeu, conseguiu ter uma melhora na sua autoestima. Diante destas considerações e importância desse trabalho na vida dos alunos eu, enquanto pesquisadora, resolvi dar continuidade ao movimento de inclusão, trazendo informação para os internautas sobre o que é ser uma pessoa com deficiência. De acordo com esses relatos, ficou claro que eu não poderia simplesmente parar a oficina e deixá-los sem as ligações; com isso, afirmo que, diante do momento de pandemia que estamos vivendo, essa oficina está contribuindo para o bem estar desses alunos. E o trabalho não para por aqui.

5.2 PERCEPÇÕES DA FAMÍLIA EM RELAÇÃO À OFICINA *INTERATIVIDADE EM REDE*

A princípio, as entrevistas haviam sido planejadas para serem realizadas individualmente com os alunos participantes da pesquisa, mas após ouvir o relato de uma mãe sobre como a oficina estava contribuindo para o desenvolvimento do seu filho:

Depois que foi criado o grupo no WhatsApp, Luan está mais ativo, antes ele só queria saber de dormir e agora fica empolgado, conversando com as colegas, está sendo muito bom. (MÃE DE ALUNO, Informação verbal)

Diante desta informação, ficou evidente a importância de a família expressar suas expectativas com a realização da oficina.

Enquanto pesquisadora, percebi, nas entrevistadas um momento de prazer em estar ali respondendo minhas perguntas. As entrevistadas deixaram expressar como é bom ter alguém que a escute, falar sobre seus filhos, suas conquistas e seus medos, referente à convivência com uma pessoa com deficiência intelectual. (CADERNO DE CAMPO, 05-07-2021)

Sabemos que, para os alunos terem um bom desenvolvimento em qualquer área da sua vida, é necessário que ele tenha o apoio tanto dos profissionais qualificados, tanto do apoio familiar. Diante do momento de pandemia que estamos vivendo, o apoio da família foi essencial no decorrer da oficina, pois foi ela quem pode acompanhar de perto as atividades solicitadas. Diante disso, busquei compreender a opinião dos responsáveis pelos participantes, o que eles acharam desse movimento em rede, dentre outras finalidades. Assim, entendi ser importante ouvi-los sobre esses aspectos já citados, como a família percebeu o desenvolvimento, se ocorreu a interação, o aumento da autoestima e, como consequência, o protagonismo dos mesmos. Optamos pela entrevista semiestruturada.

Antes de dar início à entrevista, eu, enquanto pesquisadora, tive uma conversa com os participantes, para que eles pudessem se sentir mais à vontade, e umas das coisas que eles solicitaram é que fosse algo pequeno, nada de perguntas que exigissem respostas muito longas e que tomassem muito tempo. Dessa forma, a entrevista foi realizada com os responsáveis dos participantes, sendo esses representados pela mãe. Foi pensando um conteúdo que

contemplassem os seguintes temas: A importância das redes digitais interativas no desenvolvimento da pessoa da deficiência intelectual; Inclusão e as redes digitais interativas. As entrevistas foram gravadas em um smartphone e transcritas por mim.

É necessário ressaltar que a pesquisa envolveu 6 alunos com deficiência intelectual leve e moderada. Levando em consideração que, devido à pandemia (Covid-19), a oficina ocorreu à distância, através de ligações de grupo via *WhatsApp*, as atividades foram aplicadas de acordo com a tabela de planejamento em anexo.

Quadro 02 - Entrevista com os responsáveis pelos participantes da pesquisa

TEMAS	PERGUNTAS REALIZADAS
A importância das redes digitais interativas no desenvolvimento da pessoa da deficiência intelectual	<i>O que você pensa sobre o uso das redes digitais, antes da oficina e depois da oficina. Você percebeu alguma mudança no seu filho (a)?</i>
Inclusão e as redes digitais interativas	<i>Como você ver esse trabalho de mostrar para as pessoas o que é uma pessoa com deficiência intelectual através da utilização das redes digitais interativas?</i>
Apaie e o trabalho interativo, através das redes digitais	<i>Tem alguma coisa que você gostaria de falar, ou que achou importante durante a realização da oficina e o grupo via Whatzapp.</i>
Utilização das visualidades no campo da educação inclusiva	<i>Qual foi a reação do seu filho ao realizar as tarefas, como tirar uma foto ou gravar um vídeo para enviar no grupo interativo?</i>

Fonte: Autoria própria, 2021.

É necessário ressaltar que esta entrevista serviu como base para a compreensão da importância desse estudo. A família evidenciou a importância das redes digitais interativas no desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual. Desta forma, podemos comprovar como essas redes interativas possibilitam uma aprendizagem colaborativa, segundo Moran, Masetto e Behrens (2013), o que facilita esse processo de ensino e aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica, através da qual nós, enquanto professores, podemos tornar esse

processo mais flexível e integrado à realidade dos nossos alunos. Podemos observar a fala da mãe de Luan, quando lhe é perguntado sobre sua percepção acerca do comportamento do filho, depois do início da oficina interativa.

Sim, com certeza... É... a gente comentou bastante em casa, tanto eu quanto o pai dele, a gente conversa sobre isso, e a gente viu assim; como ele passou... é que Luan ele tem uns tempos, é... fica um pouco depressivo às vezes, deixa tudo por fazer, mas assim a gente sempre considerou que o trabalho, essa interação em grupo, tá ouvindo a voz dos colegas, está conversando com eles, está ali sendo instigado a conversar e a interagir, promoveu uma ajuda muito boa nesse processo de recuperação dele. Porque além da deficiência intelectual, ele teve o primeiro evento de crise psicótica, né? Então a interação ajudou muito nesse processo de recuperação dele, colocando-o para falar dele, para perceber que as pessoas se importam com ele, ou que queriam saber dele, né. Então foi uma forma de tirar um pouco ele daquela capinha que ele se fechou. (MÃE DE LUAN, Informação verbal)

Seguindo a luz de GOMES (2020, p.15), quando ele ressalta que a cultura visual enfatiza o potencial sociocomunicativo da imagem, que se caracteriza como representação da vida cotidiana, ou seja, é essa interação social.

Nesse novo cenário as mídias são cada vez mais visuais e as imagens ganham novas características que não seriam possíveis se não fossem os avanços tecnológicos. Outro fator relevante é que circulam com uma velocidade até pouco tempo improvável, disseminando mensagens incorporando sentidos e (des)construindo visões. (GOMES, 2020, p. 80)

A partir desta consideração, reafirmamos que, através dos materiais produzidos na oficina, podemos disseminar mensagens que ajudaram os nossos participantes a falarem sobre si, possibilitando que os internautas desconstruíssem visões negativas sobre o que é ser uma pessoa com deficiência intelectual. Dessa forma, a partir do compartilhamento dessa produção visual, os alunos tiveram uma melhora na forma de se comunicar e também na melhoria da sua autoestima, ou seja, o uso das redes digitais como metodologia de ensino possibilita aos alunos com ou sem deficiência diferentes maneiras de desenvolver a aprendizagem a partir desta (des)construção da realidade.

[...] muita gente tem muito preconceito com essas crianças e eu defendo...Eu achei bom que muita gente vai entender como que eles se comunicam, como que eles fazem as coisas... eu gosto. Pra mim e pra minha filha mesmo, eu não tenho o que falar não, porque já é um avanço que está tendo, que ela era muito travada, ela era muito pra ela, ela tinha medo das pessoas, ela dizia que o povo estava olhando ela. [...] ... esse grupo já é um incentivo para o

povo entender o que é uma criança desse jeito e aceitar, né? Porque tem que aceitar. (MÃE DE JOANA, Informação verbal)

A partir desta narrativa, a utilização das redes digitais interativas tem um papel fundamental na construção e transmissão de informação, o que nos leva a refletir que vai muito além de apenas entretenimento, mas sim, novas formas de socialização e participação social, por isso cremos na necessidade de se repensar como podemos utilizar essas ferramentas a favor de uma educação que busque tencionar diálogos a partir das vivências sociais desses alunos, pois para Gomes (2020, p. 89), os saberes significativos para a vida estão em todos os lugares, não é apenas nas escolas representadas por um professor detentor do saber e alunos sentados ouvindo atentamente, mas a aprendizagem acontece também nas atuações que ocorrem fora dos espaços escolares.

Necessário se faz pensarmos que uma educação inovadora se faz através da construção de propostas que possibilitem a formação de alunos protagonistas da própria aprendizagem, que ajudem nossos alunos a acreditarem em suas potencialidades. Moran, Masetto e Behrens (2013, p. 17) vêm nos dizer que o desenvolvimento da autoestima é um grande tema transversal, um eixo fundamental da proposta pedagógica em qualquer curso. Observem as falas abaixo, quando foi perguntado para as mães dos participantes, o que eles achavam da aprendizagem em redes digitais interativas e de como a oficina ajudou no desenvolvimento dos alunos.

[...]os nossos filhos precisam sentir que eles não estão sozinhos e... muitas vezes quando a gente não tem a presença física, a presença da voz, a presença da conexão, a presença de quem fala com eles, instiga a pensar que eles são importantes e que tem alguém lá do outro lado da linha que quer ouvi-los, o que eles têm a dizer, porque eles têm muito a dizer, então as falas são muito negadas, né? Antes já eram negadas de certa forma socialmente, só aberta em alguns ambientes e imagine num momento desse de pandemia. Então é muito importante que eles sintam que as pessoas querem ouvi o que eles tenham a dizer, que eles são importantes nesse ponto de vista... que as pessoas são importantes a partir do quanto elas são ouvidas, elas têm espaço de fala. (MÃE DE LUAN, 2021, Informação verbal)

Eu acho muito bom, pelo mesmo para quebrar esse preconceito do povo, que acha que uma pessoa com deficiência tem que viver jogado em cima de uma cama ou isolado dentro de um quarto, ali, né? So dentro de casa, sem poder interagir com nada, nem com as redes sociais nem com outras pessoas. Eu acho muito importante, mostrar que eles também são capazes. (MÃE DE JOANA, 2021, Informação verbal)

A partir dessas falas, podemos compreender que a utilização da cultura visual, alicerçado nessas redes digitais nos possibilita a proporcionar a esses alunos uma aprendizagem colaborativa que valorize o autoconhecimento, é o que Moran, Masetto e Behrens (2013, p. 19)

chamam de “pedagogia da compreensão”, quando buscamos estratégias que ajudem o aluno a desenvolver o seu potencial dentro de suas limitações. Dessa forma, as [...] “redes digitais é um espaço de integração e articulação de todas as pessoas conectadas” (KENSKI, 2012, p.35), que influencia nas mudanças das relações sociais, fortalecendo as interações comunicativas.

5.3 PRODUÇÃO DA PROPOSTA DE FORMAÇÃO SOCIAL INCLUSIVA: O QUE É DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?

Compreendendo que este trabalho traz diferentes reflexões e experiências significativas sobre o que é ser uma pessoa com deficiência intelectual, apontando estratégias que podem ser utilizadas no campo da educação inclusiva, na perspectiva da cultura visual, compreendendo o papel das imagens na produção do conhecimento, promovendo desenvolvimento e aprendizagem significativa da pessoa com deficiência intelectual.

Proponho como atividade de intervenção, tendo como metodologia a utilização das redes digitais interativas, uma formação social inclusiva, a qual tem como objetivo informar a toda a sociedade o que é uma pessoa com deficiência intelectual, para que assim consigamos desconstruir alguns estereótipos, possibilitando aos usuários dessas redes a oportunidade de conhecer um pouco da rotina de uma pessoa com deficiência, quem são, o que fazem, dentre outros. Essa formação começou a ocorrer desde o início da oficina, na qual os participantes estavam envolvidos.

Foram produzidos vídeos, imagens e publicados na rede social conhecida como Instagram. É possível afirmar que estas publicações buscam auxiliar a sociedade na condução do conhecimento sobre deficiência intelectual, de modo a provocar novas práticas pedagógicas, como também a desmistificação de alguns conceitos que a sociedade vem reproduzindo acerca da pessoa com deficiência intelectual.

Esta proposta de intervenção tem como um dos objetivos transformar a falta de informação em uma sociedade inclusiva, a partir das reflexões causadas pelas publicações. Assim, pudemos verificar a potencialidade das redes digitais interativas, por ser um espaço para interação, no qual se obtêm muitos acessos e uma grande diversidade de público, além de configurar-se também como espaço que possibilita aprendizagem fora da sala de aula, impulsionando novas metodologias de ensino e aprendizagem. Para Pretto (2011, p. 107), “a apropriação que a juventude vem fazendo desses aparatos tecnológicos tem lhe possibilitado ir além do mero consumo de informações: ela está produzindo intensamente culturas e conhecimentos”.

A interação em redes digitais dos participantes da pesquisa se caracterizou como um incentivador ao respeito às diferenças, ou seja, esses participantes puderam mostrar os desafios do que é ser uma pessoa com deficiência intelectual na sociedade atual. A presente proposta foi conduzida por meio de um grupo focal, através de uma oficina, na qual os alunos produziram conteúdos visuais, tornando-se protagonistas da própria aprendizagem na realização das atividades, o que possibilitou aos internautas a compreensão das experiências individuais de cada um. Dessa forma, a avaliação ocorreu ao longo de todo o percurso, através das devolutivas das famílias dos participantes e da interação dos internautas frente às publicações dos alunos. Essas afirmações poderão ser constatadas através do relatório final que será enviado periodicamente à plataforma Brasil.

5.4 AÇÕES PROTAGONISTAS E A OFICINA INTERATIVIDADE EM REDE: O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Apresentamos aqui os achados desse estudo por categoria de análise, descrevendo como os alunos tiveram atitudes protagonistas, partindo dos seguintes questionamentos: O que é protagonismo? Como a aprendizagem ocorreu? Os alunos participantes da pesquisa foram protagonistas em quê?

Diante desses questionamentos, identificamos através da oficina *Interatividade em rede* que, para acontecer a aprendizagem, devemos incentivar nossos alunos a construir o seu “projeto de vida”. MORAN (2015) defende que, quando aprendemos através das narrativas integradoras de vida, estamos estimulando nos alunos a evoluir no sentido de saber fazer escolhas, tornando-se independentes como pessoas, assim “um projeto de vida deve promover a convergência entre os interesses e as paixões de cada aluno e seus talentos, sua história e seu contexto” (MORAN, 2015, p. 30). Dividimos em tópicos as ações protagonistas que constatamos através da oficina.

5.4.1 Falar por si

A oficina incentivou os participantes a falarem sobre si, seus planos e conquistas. Sabemos que, devido à deficiência intelectual, os alunos, muitas vezes, têm medo de falar abertamente o que sentem, isso com receio do que as pessoas vão pensar sobre eles. Através dessa comunicação e compartilhamento do seu projeto de vida, a aprendizagem acontece em um movimento colaborativo.

[...] Com o apoio das tecnologias, nos ajuda a aprender a partir das histórias de vida e dos sonhos de cada um dos alunos. O clima de acolhimento, confiança, incentivo e colaboração é decisivo para uma aprendizagem significativa e transformadora. “Se as pessoas são aceitas e consideradas, tendem a desenvolver uma atitude de mais consideração em relação a si mesma”. (ROGERS, 1992, p. 65, apud MORAN, 2015, p. 33)

É importante ressaltar que as metodologias de ensino, que buscam inserir no seu plano pedagógico, atividades que busquem o projeto de vida, estão seguindo os parâmetros curriculares das leis diretrizes da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), a qual tem como objetivo possibilitar aos alunos a capacidade de se conhecer como sujeito ativo dentro de uma sociedade. Nesse contexto, uma das atitudes de protagonismo que a oficina evidenciou foi a possibilidade de os alunos expressarem suas emoções, sem medo de falar sobre suas expectativas de vida.

Podemos verificar, através das falas dos nossos participantes, já descritas no decorrer do texto, como eles se posicionam. Assim, a busca pela autonomia em se expressar, foi um dos primeiros objetivos alcançados, pois os alunos conseguiram se tornar agentes da própria aprendizagem, melhorando a sua comunicação e interação social, através das suas próprias histórias de vida.

5.4.2 Desenvoltura de relacionamento e capacidade de aprender

Ficou evidente que a maneira como os indivíduos vêm se comunicando está mudando cada vez mais. Desta forma, através da oficina, conseguimos identificar que as redes digitais interativas se configuram como uma ferramenta colaborativa que proporciona aos alunos a troca de informações, possibilitando uma aprendizagem significativa, contribuindo também, para a inclusão social e virtual, desconstruindo estereótipos da deficiência intelectual referente à sua

capacidade de aprender e de se comunicar. Dessa forma, a oficina pode proporcionar aos alunos a troca de experiência, de suas expectativas e angústias.

Nesta perspectiva, através das falas dos responsáveis pelos alunos, participantes da pesquisa, percebemos a melhoria na desenvoltura de relacionamento, pois, segundo eles, através da interação que a oficina possibilitou, os participantes começaram a mudar de atitudes com os círculos de pessoas nos quais eles convivem. Podemos observar os relatos abaixo:

[...] Ela gosta de dançar, e depois do grupo, das amiguinhas daqui da APAE, ela gosta de conversar, antigamente ela não gostava de falar não, aí depois que criou o grupo ela conversar. [...]

Depois desse grupo, Luan melhorou muito em casa, antes ele só queria terminar de comer e dormir, agora fica ansioso para conversar com as colegas. Agora ele consegue interagir melhor, tanto em casa, quanto no grupo e também agora ele tomou até a iniciativa de criar grupos no WhatsApp e adiciona toda a família. (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Diante desses relatos, constatamos que, através da oficina esses alunos conseguiram mudar a forma como eles se relacionavam com amigos e familiares, ou seja, quando Luan toma a iniciativa de fazer outros grupos para interagir com a família, isso é aprendizagem. Assim, aquele aluno que antes era tímido, não conversava e nem interagia com seus colegas e família, agora estava se tornando protagonista da própria aprendizagem. Com isso, identificamos que o uso da tecnologia digital interativa na educação vem trazendo inúmeros benefícios, pois se percebe que cada vez mais esses alunos estão conectados diariamente a essas redes.

Conforme KENKIS (2012, p. 121), a evolução da tecnologia permite a interação dos seus usuários, assim o uso da imagem e da voz permite que esses usuários exercitem sua oralidade e, como consequência, melhorem em sua comunicação e em suas relações sociais. Dessa forma, Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) citam a sugestão da professora Verônica Martins Cannatá, em que ela relata a importância de se desenvolver esses tipos de atividade, no qual ajude a desenvolver a autonomia dos alunos, criando a cultura híbrida dentro nas salas de aula, para que assim esses discentes possam deixar a insegurança de lado.

5.4.3 Autoconfiança e autonomia

Verificamos que nessa experiência, a tecnologia faz parte da nossa cultura e nós, enquanto professores, devemos procurar estratégias para que ela seja utilizada como potencializadores de aprendizagem.

Utilizando as tecnologias, os professores podem potencializar suas aulas com diferentes tarefas e alcançar os alunos de uma forma que a metodologia tradicional, com suas aulas expositivas e o conhecimento centrado no docente, não permitia. Eles podem perceber melhor as dificuldades dos alunos por meio das plataformas adaptativas, sendo possível orientá-los individualmente segundo suas necessidades. (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 142)

Com base na citação acima, podemos afirmar que as redes digitais interativas se configuram como objeto de aprendizagem que proporciona autonomia aos alunos, possibilitando a personalização do ensino. Assim Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) afirmam que quando o professor utiliza das tecnologias digitais ele está criando novas maneiras de se relacionar, através da qual buscam-se os recursos que mais aproximam o aluno da aprendizagem, evidenciando a construção de conhecimento através das interações em grupo que as redes digitais interativas possibilitam.

5.4.4 Carreira profissional

Através dos diálogos durante a oficina, os alunos também deixaram claras as suas perspectivas para o futuro, quando iniciamos o diálogo sobre a carreira profissional. De início, muitos não demonstraram ter perspectiva de vida futura, não queriam falar sobre seus sonhos, suas vontades, chegando a afirmar que não tinham vontade de fazer nada, apenas de ficar em casa assistindo. Entretanto, no decorrer das atividades desenvolvidas eles foram interagindo e ficando à vontade para falar o que desejavam para o futuro. Podemos observar no *mural interativo*¹, quando Luan fala que deseja ser um jogador, mas a pandemia atrapalhou um pouco esse sonho, pois ele não pode mais sair para correr todos os dias.

Os vídeos produzidos na oficina fizeram com que os internautas pudessem conhecer esses alunos, além da sua deficiência, pois, para eles, falar o que esperam de uma carreira

² Disponível em: <https://padlet.com/maiarajacobina/5obshbdqo8h8cj67>.

profissional é mostrar para os internautas que eles também são capazes e também têm o direito de exercer sua cidadania através de um emprego digno.

A rede propicia uma organização emergente que não apenas aproxima as pessoas, mas as coloca diante de um modo de produção colaborativo. Ela cria um lugar de convivência impensável até seu surgimento. (DIMANTAS, 2010, p. 47)

Ainda segundo Dimantas (2010), a rede organiza a nossa civilização, é um espaço onde construímos e compartilhamos ideias, no qual é possibilitada a experiência entre várias culturas, pois estamos interagindo e ao mesmo tempo ganhando conhecimento em diferentes dimensões.

Com isso, percebemos que a utilização do espaço digital interativo possibilitou a esses alunos uma aproximação entre pessoas, ou seja, ocorreu uma interação entre eles e o mundo que estava assistindo suas produções. Dessa forma, esses alunos puderam ser protagonistas dos seus desejos, quando falaram das suas expectativas em seguir a carreira profissional desejada, pois sabemos que na sociedade atual na qual vivemos, ainda são muitos os obstáculos para a inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho. No entanto, as atividades na oficina interativa possibilitaram a esses alunos a oportunidade de expressar como eles almejam entrar no mercado de trabalho, fazendo o internauta compreender que o que falta para eles é apenas uma oportunidade.

5.4.5 Protagonista da própria inclusão social

Partindo das ações desenvolvidas na oficina, foi possível verificar que esses alunos foram protagonistas da própria inclusão, no sentido de criar estratégias, mobilizando ações com ênfase na construção da sua identidade pessoal e social, tendo como objetivo fazer com que a sociedade possa vê-los além da sua deficiência. Assim, quando os alunos começaram a produzir seus conteúdos e compartilhar em rede, estavam proporcionando aos internautas o conhecimento do que é ser uma pessoa com deficiência, desconstruindo estereótipos e construindo informações, pois é só através do conhecimento que deixamos as atitudes preconceituosas.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a oficina possibilitou a interatividade, pois houve uma troca de informação entre emissor (aluno) e o receptor (internautas), no qual foi criado um espaço dinâmico e interativo que evidenciou o protagonismo, no que se refere à

liberdade de expressão, em que os alunos puderam exteriorizar a visão que tem sobre si e das coisas que os rodeiam.

5.4.6 Compreensão de suas responsabilidades, direito e deveres em quanto sujeitos ativos dentro de uma sociedade

Diante da presença da deficiência intelectual, muitas vezes a família tenta proteger esse indivíduo, não mostrando a realidade na qual ele vive. Prevenindo-o de conviver em sociedade e evitando que ele possa exercer os seus direitos e deveres como cidadão. Dessa forma, os diálogos que a oficina proporcionou, identificaram que muitos ainda não tinham o conhecimento dos seus deveres, como ajudar nos afazeres domésticos, pois alguns deles passavam o dia sentados, assistindo TV. Assim, fizemos algumas atividades, com a ajuda da família, como gravar vídeos lavando a louça, dando banho nos animais domésticos, dentre outras. Essa atividade serviu com um incentivo para que os mesmos pudessem compreender suas responsabilidades.

Diante dessas considerações, é possível observar que a descrição dessas ações protagonistas se configura como uma análise dos resultados encontrados nesse estudo. Assim, é possível afirmar que através desses relatos, os alunos conseguiram desenvolver sua autoconfiança, pois começaram a acreditar nas suas capacidades de ir em frente, mesmo cientes das limitações que a deficiência intelectual causa no indivíduo, eles não deixaram de acreditar em seus sonhos, como o de ser um jogador, casar e morar só, ser confeitadeira, dentre outras possibilidades.

6. CONCLUSÕES SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS INTERATIVAS COMO POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

O desejo que moveu a realização dessa pesquisa foi de compreender como as pessoas com deficiência intelectual conseguem obter o desenvolvimento da aprendizagem através do uso das redes digitais interativas, e como essas redes possibilitam o protagonismo estudantil destes sujeitos.

Dessa forma, optei pela observação participante, por já ter um vínculo com a instituição e já conhecer o espaço o qual foi estudado para compreender como os processos de interação social nas redes digitais potencializam o protagonismo e as aprendizagens dos alunos com deficiência intelectual.

Esse estudo aponta a importância da mediação da aprendizagem e do protagonismo estudantil a partir da utilização da cultura visual como metodologia para o ensino e a aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual, abrangendo a potencialidade da utilização de recursos tecnológicos, especificamente as redes digitais interativas, que não se resumem apenas no uso das redes sociais, mas sim, em todo aparato tecnológico que possibilita interação. Assim, foram planejadas ações que ajudassem a sociedade a desconstruir a visão negativa que se tem sobre a pessoa com deficiência intelectual.

Identificamos que essa metodologia trouxe reflexões importantes para o momento atual no qual estamos vivendo e vimos a necessidade de personalizar o ensino, devido a pandemia do covid-19, o que deixou evidente a importância das tecnologias digitais interativas, gerando grandes desafios para educação, levando-nos a compreender a necessidade de planejamento de novas práticas educativas. Nesse sentido, este estudo contribui no incentivo de novas ações educativas a partir do uso das redes digitais, onde estamos em constante interação.

Dessa forma, Biegign e Busarello (2014, p. 009) deixam clara a importância de se estudar as novas mídias e no que elas podem contribuir para educação e para o processo de comunicação frente às novas práticas sociais e culturais. Partindo das observações feitas durante o estudo, percebi que a deficiência intelectual dos alunos participantes da pesquisa, não atrapalha, no seu desenvolvimento social.

Dessa forma, seguimos a luz de Leite (2017), em que nos chama atenção que a deficiência intelectual não é apenas constituída de atrasos no desenvolvimento, mas sim da

valorização das potencialidades dos mesmo, planejando atividades que possam ajudar no avanço progressivo da aprendizagem.

Diante desse contexto, identificamos que quando mediamos o ensino da pessoa com deficiência intelectual, utilizando de instrumentos tecnológicos, estamos permitindo que esse aluno possa utilizar dos seus saberes culturais, emergidos do seu cotidiano.

Assim, pude compreender que devemos pensar na singularidade dos nossos alunos, deixando de lado a visão negativa que se tem sobre a aprendizagem da pessoa com DI, possibilitando que esse aluno seja um participante reflexivo no seu meio social e cultural.

Partido do exposto, posso afirmar que o estudo foi um desafio, para mim, enquanto pesquisadora. Muitos foram as dificuldades encontradas, como o momento atual da pandemia do COVID-19, o que impossibilitou o contato presencial com os participantes, como também, a insegurança e o medo dos alunos em se comunicar e expressar seus desejos.

Apesar desses instrumentos tecnológicos serem familiar para muitas pessoas, pude perceber que esse processo de inclusão digital para as pessoas com deficiência intelectual, tem pouca visibilidade, isso significa que muitos alunos com DI ainda não tem espaço de interação nas redes interativas.

Dessa forma é necessário que se criem momentos de ensino, no qual possamos oferecer a esses alunos interação, informação. Por esse motivo, que surgiu em mim a necessidade de buscar estratégias de ensino que pudessem incentivar esses alunos a serem protagonistas da sua aprendizagem.

Mesmo diante dessas dificuldades conseguimos alcançar nossos objetivos, mostrando os caminhos para aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual, através da mediação com os instrumentos tecnológicos, despertando a capacidade crítica e de interação dos mesmos. Dessa forma, esse estudo identifica estratégias de inclusão social através das múltiplas possibilidades que as redes digitais nos proporcionam, mostrando como esses alunos podem superar seus limites.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. M. B.; SOUZA, M. A. da C. Avaliação e atendimento educacional especializado: tensões, possibilidades e desafios. *In: JESUS, D. M.; VICTOR, S. L.; GONÇALVES, A. F. S. Formação, Práticas Pedagógicas e Inclusão escolar no observatório estadual de educação especial.* p. 127-148.
- ANDRADE. M. Interatividades na mídia. *In: Mídias digitais e interatividade.* Universidade Federal Da Paraíba: Editora Universitária, 2008.
- BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.
- BARROS; CARVALHO. **As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem,** 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa9788578791247-09.pdf>. Acesso em: 10.02.2021.
- BATISTA, C. A. M. e MANTOAN, M. T. E. Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental. *In: GOMES, A. L. L. et al, Deficiência Mental.* São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. **Um Olhar sobre a Diferença.** Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio (orgs.). **Interatividade nas TICs: abordagens sobre mídias digitais e aprendizagem.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. 253p.
- BRASIL. **Diretrizes operacionais da educação especial para o atendimento educacional especializado na educação básica.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192. Acesso em: 08 jan.2019.
- CIF - **Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde.** Organização Mundial da Saúde, 2001.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da; SILVA FILHO, Genésio Zeferino da. **Protagonismo Juvenil: O que é e como praticá-lo.** Disponível em: http://www.institutoalianca.org.br/Protagonismo_Juvenil.pdf. Acesso em 10 set. 2020.
- CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- DAVID RODRIGUES. As tecnologias de informação e comunicação em tempo de educação inclusiva. *In: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas.*(org.). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: cultura Acadêmica, 2012. 238 p.
- DÍAZ FELIX. Vygotsky e a concepção sócio-histórico cultural da aprendizagem. *In: MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Org.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.* Salvador: EDUFBA, 2012.
- NASCIMENTO, Maria Inês Corrêa *et al.* **DSM V - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** (American Psychiatric Association). Tradução e Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli. 5ª. Edição. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

- FIGUEIREDO, Rita Vieira. A formação de professores para a inclusão dos alunos no espaço pedagógico da diversidade. *In.*: MANTOAN, Maria Teresa E. **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.141-145.
- FINO, C. N. Investigação e inovação (em educação). *In.*: FINO, Carlos Nogueira; SOUSA, Jesus Maria (org.). **Pesquisar para mudar (a educação)**. Funchal: Universidade da Madeira, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas** (org.). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 238 p.
- GAVA, F.G.; ROCHA, M.T.L.G.; GARCIA, V.F. Pesquisa colaborativa em educação. **Ensaio Pedagógicos** (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.73-80.
- GALVÃO FILHO, T. A. **Ambientes computacionais e telemáticos no desenvolvimento de projetos pedagógicos com alunos com paralisia cerebral**. 2004. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- GOMES, Antenor Rita. **As imagens nas configurações educativas contemporâneas: a perspectiva da cultura visual**. 1 ed. Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2020. 144p.
- JANUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- JUNIOR, K.S. **Construção de ambientes digitais de aprendizagem: contribuições para a formação do professor**. *In.*: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas**.(org.). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 238 p.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KLENIA. C. **Tecnologia Assistiva em Educação Especial e Educação Inclusiva**. Ed. São Paulo: Intersaberes. 2012.
- LEITE, K. C. N. **Arte-Educação e Deficiência Intelectual: Aprendizagem através das artes visuais um estudo de caso na APAE de Jacobina – Ba**. 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, CAMPUS IV.
- LANNA JÚNIOR, Cléber Martins. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso; DAL PRÁ, Keli Regina. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre v. 6 n. 1 p. 93-104, 2007.
- LOUREIRO, B. M. Educação para viver no mundo digitalizado. *In.*: LOUREIRO, Carine Bueira; LOPES, Maura Corcini (orgs). **Inclusão, aprendizagem e tecnologias em educação: pensar a educação no século XXI**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 263

- MENDES, Enicéia Gonçalves; ZEBATO, Ana Paula. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar**. Educação Unisinos, São Paulo, Junho, 2018.
- MENDES, G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: v. 11, n. 33, p. 387-405, set/dez. 2006.
- MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 6. ed. São Paulo: Cortez. 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MIRANDA, T. G; GALVÃO FILHO, T. A. **O professor e a educação inclusiva: Formação práticas e lugares**. EDUFBA, Salvador, 2012.
- MORAN, José. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. *In*: MORAN, José Manuel; Masseto, Marcos T.; BEHERENS, Marinilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógicas**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- MORAN JOSÉ. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In*: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Nunes, C., Madureira, I. (2015) **Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas**, da Investigação às Práticas, 5(2), 2015, p. 126 - 143.
- OLIVEIRA, Raquel. Jacobina - Bahia. 12 de junho. 2021. **Instagram**: @raquel_snoliveira. Disponível em https://instagram.com/inte.ratividade?utm_medium=copy_link. Acesso em: 12 jun. 2021.
- OMOTE, S. Estigma no tempo da inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.10, n.3, p.287-308, 2004.
- MASCARENHAS, Raillane. [O amor está no ar]. Jacobina - Bahia. 12 de junho. 2021. **Instagram**: @raillanemascarenhas. Disponível em: https://instagram.com/inte.ratividade?utm_medium=copy_link. Acesso em: 12 de junho 2021
- PIMENTEL, S. C. Formação de professores para inclusão: saberes necessários. *In*: MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Org.). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- PRETTO, Nelson de Luca. O desafio de educar na era digital: educações. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 24, núm. 1, pp. 95-118, Universidade do Minho Braga, Portugal, 2011.
- REZENDE. A; MOURA. J. Aprendizagem e as tecnologias: Desvelando um percurso. *In*: MULLER, Daniel Nehme; AXT, Margaretete; HETKOWSKI, Tânia Maria (orgs). **Cultura digital e espaço escolar: diálogos sobre jogos, imaginário e crianças**. Salvador: EDUNEB,2014. 330p.
- ROMANCINI. R. Aprendizagem social e novas tecnologias. **Revista Comunicação & Educação**, nº 1, jan/jun 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v2>, p. 91-103.

SIERRA. B. D; FACCI. D. G.M. A educação da pessoa com deficiência intelectual: aprendizagem promove desenvolvimento. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.40, n 26, p.128-150, jan/jun.2011.

SILVA, L. M. da. Aspectos constitutivos para uma análise da escola exclusiva. In: NASCIMENTO, A .D;HETKOWSKI, T. M. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SILVA, M. Sala de aula interativa a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. CAMPO GRANDE/MS, 2011. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. **Anais**. Campo Grande/MS – set. 2001.

SERAFIN. M; SOUZA. R. Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. In: SOUZA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena da M. C da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Organizadores). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, **1986**.

TOZETTO, S.S.; SOUZA, A. P. **A formação continuada e em serviço**: uma experiência vivida por professores e pedagogos de uma escola de tempo integral. PUCPR. Curitiba, 2011.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade. Salamanca, Espanha, 1994.

VYGOTSKY. L.S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e Inclusão Social**. A exclusão digital em debate. São Paulo: Senac, 2006.

ZERBATO, A. P.; MENDES, E. G. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Revista Educação Unisinos**, v. 22, n. 2, p. 147-155, abril-junho, 2018.

APÊNDICE

 APAE <small>Jacobina - BA</small>	APÊNDICE 1 - PLANO DE AÇÃO			
	PESQUISADORA: Maiara Oliveira Santos Ferreira CAMPO DA PESQUISA: Apae/Jacobina-Ba		DATA:	TURNO: MATUTINO
	1º ENCONTRO	2º ENCONTRO	3º ENCONTRO	4º ENCONTRO
Tema	Quem sou eu?	O esporte e a relação com a família	Independência nas atividades de vida diária	Eu posso brincar, namorar e trabalhar, igual a você.
Alunos	Grupo de alunos com deficiência intelectual	Grupo de alunos com deficiência intelectual	Grupo de alunos com deficiência intelectual	Grupo de alunos com deficiência intelectual
Atividade	Incentivar os alunos a falarem do que gostam de fazer, identificar suas emoções e preferências de modo em geral. Falar sobre atualidades (covid-19, vacinas)	Roda de conversa sobre o esporte preferido de cada um e como a família contribui para a realização dessas atividades esportivas.	Levantar questões provocativas sobre como os alunos realizam as atividades de vida diária e suas dificuldades em casa. Pensando em como a família pode ajudar nesse processo de independência com as tarefas de casa.	Bate papo informal sobre assuntos relacionados a namoro, trabalho, dentre outras coisas que qualquer pessoa faz na vida social, mas desacreditam que uma pessoa com deficiência intelectual possa fazer.
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento do eu; • Valorização da identidade (origens, culturas, etc.); • Expressões das emoções (O que me deixa feliz ou triste); 	<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria na comunicação entre os alunos e suas famílias; • Reconhecimento da capacidade individual; • Expressar verbalmente o 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da autonomia; • Relatar suas experiências do seu cotidiano junto com a família. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desconstruir estereótipos.

	<ul style="list-style-type: none"> • Sentir-se valorizado e reconhecido enquanto indivíduo. 	<p>que sente e vê ao seu redor;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprender a falar sobre si. 		
Procedimentos Metodológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer pesquisas no Google com imagens que representem o “EU” que você é hoje. • Exposição de fotos dos alunos, com montagem de um mural interativo e apresentação dos alunos com identificação do nome e do que gosta de fazer; • Criação de um grupo de <i>Whatsapp</i> e uma página no <i>Instagram</i> para compartilhar as atividades que serão desenvolvidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de um vídeo interativo individual sobre o quanto o esporte é importante em sua vida. • Compartilhar o vídeo no grupo interativo com o acompanhamento da família. 	<ul style="list-style-type: none"> • Chegou a hora de mostrar o que você sabe fazer sozinho: tirar uma foto e gravar um áudio relatando o que você está fazendo naquela foto, por exemplo: lavando louça, cozinhando, lavando roupa, dando comida aos animais domésticos, costurando, dentre outras atividades da vida diária que você realiza. • Montagem de um <i>podcast</i> com as fotos e o áudio, para compartilhar no grupo interativo. 	<ul style="list-style-type: none"> • 10 coisas que você precisa saber sobre deficiências intelectuais: montaremos um jornal informativo on-line com temas que provoquem discussões sobre como podemos promover a inclusão social da pessoa com deficiência intelectual, evidenciando que a pessoa com DI tem os mesmos direitos e deveres que qualquer outro cidadão.
Avaliação	Observação do desenvolvimento da interação, comunicação e participação.	Observação do desenvolvimento da interação, comunicação e participação.	Observação do desenvolvimento da interação, comunicação e participação.	Observação do desenvolvimento da interação, comunicação e participação.

ANEXOS

ANEXO 1 – PROJETO INFOAPAE

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais



Reg. nº Livro A 04 fls. 360/365 nº de Ordem 360 D. Oficial 30.12.1992
Considerado Entidade Fins Filantrópicos sob n.º 28976.002250/94-01

Declarada de Útil. Pub. Federal pela Portaria de 29.09.1995
C.N.P.J.. 16.256.083/0001-14

PROJETO INFOAPAE: “Informática e Educação na APAE”

Responsável: *Profa. Dra. Kátia Cristina Novaes Leite*

JUSTIFICATIVA:

Com muita frequência, a pessoa com alguma deficiência física, mental ou sensorial, por suas próprias limitações motoras e/ou sociais, agravadas por um tratamento paternalista não valorizador de suas potencialidades, cresce com uma restrita interação com o meio e a realidade que a cerca. Muitas vezes, se não for adequadamente estimulada, assume posições de passividade diante da realidade e na solução de seus próprios problemas diários. É condicionada a que outros resolvam os seus problemas e até pensem por ela. Como faz notar VALENTE:

As crianças com deficiência (física, auditiva, visual ou mental) têm dificuldades que limitam sua capacidade de interagir com o mundo. Estas dificuldades podem impedir que estas crianças desenvolvam habilidades que formam a base do seu processo de aprendizagem. (VALENTE, 1991).

Se, conforme Piaget, as crianças são construtoras do próprio conhecimento, quando portadoras de deficiência, essa construção, portanto, pode ser limitada pela restrita interação das mesmas com o seu ambiente. E é nesta interação que, segundo Papert, através da ação física ou mental do indivíduo, dão-se as condições para a construção do conhecimento. Sobre a importância, para o aprendizado, das interações no mundo, enfatiza PAPERT:

O Construcionismo, minha reconstrução pessoal do Construtivismo,... atribui especial importância ao papel das construções no mundo como apoio para o que ocorreu na cabeça, tornando-se, deste modo, menos uma doutrina puramente mentalista. (PAPERT, 1994)

E quando estas crianças com deficiência ingressam em um sistema educativo tradicional, em uma escola tradicional, seja especial ou regular, frequentemente vivenciam interações que reforçam uma postura de passividade diante de sua realidade, de seu meio. Frequentemente são submetidas a um paradigma educacional no qual elas continuam a ser o objeto, e não o sujeito, de seus próprios processos. Paradigma esse que, ao contrário de educar para a independência, para a autonomia, para a liberdade no pensar e no agir, reforça esquemas de dependência e submissão. São vistas e tratadas como receptoras de informações e não como construtoras de seus próprios conhecimentos.

Exatamente pelas dificuldades e atrasos que estes alunos com deficiência intelectual frequentemente apresentam em seu desenvolvimento global, é vital, com mais ênfase nestes casos, oferecer-lhes um ambiente de aprendizagem que os ajude a abandonar essa postura passiva de receptores de conhecimento. Um ambiente onde sejam valorizadas e estimuladas a sua criatividade e iniciativa, possibilitando uma maior interação com as pessoas e com o meio em que vivem, partindo não de suas limitações e dificuldades, mas da ênfase no potencial de desenvolvimento que cada um trás em si, confiando e apostando nas suas capacidades, aspirações mais profundas e desejos de crescimento e integração na comunidade.

Mas, para que o aprendiz seja esse sujeito ativo na construção do próprio conhecimento, é vital que lhes sejam oferecidas condições e ambientes nos quais ele possa, a partir de seus próprios interesses e dos conhecimentos específicos que já traga consigo, exercitar sua capacidade de pensar, comparar, formular e testar ele mesmo suas hipóteses, relacionar conteúdos, conceitos. E errar para reformular suas hipóteses, depurando-as. (GALVÃO FILHO, Teófilo A. Educação Especial e novas tecnologias: o aluno construindo sua autonomia. *Revista INTEGRAÇÃO*, Brasília, MEC, ano 13, n. 23, p. 24-28, 2001).

A realização desse projeto foi inspirada no **Programa InfoEsp - "Informática, Educação e Necessidades Especiais"**, desenvolvido no CRPD das obras sociais Irmã Dulce e coordenado pelo Dr. Teófilo Galvão, que tive como mestre no Curso de Especialização em Educação Especial promovido pela UESC – Ilhéus em 1997. Desde essa época, tal proposta me inquieta e hoje tenho a oportunidade de está-la realizando. Espelhando-me nos exemplos de sucesso produzidos por 25 anos de existência do CRPD com seus significativos resultados alcançados, entre os quais podemos destacar as transformações e saltos na qualidade da postura, de um grande número de alunos, em relação a sua própria vida, o resgate da sua autoestima, a vivência e valorização de seu processo de aprendizagem e interação com o mundo, e a inclusão sócio digital desses alunos.

OBJETIVO GERAL:

Trabalhar o desenvolvimento cognitivo dos alunos com deficiência intelectual ou múltipla, principalmente crianças e adolescentes, a partir dos 8 anos de idade, utilizando os recursos do ambiente computacional e telemático e disponibilizando a Tecnologia Assistiva necessária para isso.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

a) Desenvolvimento sócio-afetivo:

- Maior motivação e entusiasmo dos alunos para as atividades educacionais;
- Aumento da interação do aluno com o meio em que vive;
- Maior estímulo para o exercício da criatividade;
- Crescimento do sentido de autoestima.

b) Desenvolvimento cognitivo:

- Compreensão de conceitos e aumento de conhecimentos teórico-práticos;
- Desenvolvimento do raciocínio lógico-dedutivo.

c) Desenvolvimento da psicomotricidade global e fina:

- Maior consciência de possibilidades motoras a serem exploradas;
- Busca de superação de limitações motoras;
- Treino de habilidades de coordenação motora fina.

CONTEÚDO:

- Elaboração de Projetos sobre diversos temas através de editores de texto e imagem (Criação de Blogs, Participação em Redes Sociais);
- Utilização de correio eletrônico para intercâmbio entre os alunos e outras pessoas;
- Realização e edição de vídeos e imagens através de aplicativos on-line;
- Criação de Fanzine;
- Pesquisas diversas na web;
- Utilização de programas de Alfabetização Fônica;
- Projetos docentes.

METODOLOGIA:

Com o advento dos novos recursos multimídia e do acesso massivo à Internet, novos programas e atividades foram sendo incorporados aos nossos trabalhos, mas mantendo a estruturação teórica que nos tem servido de referência.

Se estivermos manipulando outros softwares e sistemas abertos, ou seja, aqueles que permitam ao aluno o desenvolvimento de projetos em diferentes áreas do conhecimento (software de autoria, por exemplo), recorrendo, para isto, a sua criatividade e mecanismos internos de construção desse conhecimento e resolução de problemas.

Para exemplificar, se pensarmos em atividades que objetivem o desenvolvimento da lecto-escrita, além de outros conteúdos, os alunos podem trabalhar, por exemplo, com projetos de criação, redação e leitura de histórias.

E, da mesma forma, diferentes conteúdos podem ser desenvolvidos através de outros projetos, definidos juntos por alunos e professor, mas a partir das necessidades e interesses dos alunos, utilizando os mais variados recursos computacionais abertos, facilmente encontrados e manipulados hoje, quando se construiu e se está inserido em uma *cultura de informática*. Esses projetos podem incluir atividades tais como a construção individual ou coletiva de páginas na Internet, desenvolvimento de temas atuais utilizando recursos multimídia, pesquisas e comentários relacionados com as problemáticas diárias vividas pelo aluno, utilizando a Web, editores gráficos e de texto, software de autoria, etc, etc. O nível de complexidade dos projetos pode variar, desde o mais simples e elementar, até um mais complexo e sofisticado, em função do potencial cognitivo e capacidade de abstração do aluno, mas, ao mesmo tempo, sempre num patamar que o desafie a produzir saltos de qualidade em seus conhecimentos e capacidades atuais.

É importante destacar que, na aprendizagem através de projetos, como unidade de trabalho, conteúdos de diferentes áreas estarão sendo trabalhados, **de forma interdisciplinar**, no desenvolvimento de um mesmo projeto. É vital que o facilitador tenha a sensibilidade de ajudar o aluno a explicitar esses conteúdos. Nas palavras de PRADO:

De um modo geral, o desenvolvimento de um projeto computacional pode abranger vários domínios na sua constituição, propiciando uma interação entre as diversas áreas do conhecimento. Assim, a atividade de produzir um projeto computacional evidencia características de uma **aprendizagem interdisciplinar**. Para Fazenda (1993), '...a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto. (PRADO, 1999)

Na construção de projetos, professor e alunos engajam-se, com uma perspectiva interdisciplinar, numa relação cooperativa de interações e intercâmbios, entrando o aluno com todas as suas vivências e conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, e o professor ajudando a explicitar os conceitos que vão sendo intuitiva ou intencionalmente manipulados no desenvolvimento dos trabalhos e das novas descobertas. E se pensarmos em termos de rede, de Internet, essa parceria na construção de projetos extrapola a relação restrita entre aluno e professor, para ampliar-se sem fronteiras em direção a inúmeras outras interações, fontes, parcerias, convergindo para o que Pierre Lévy chama de aprendizagem cooperativa. Nessa perspectiva, ressalta LÉVY que:

Os professores aprendem ao mesmo tempo em que os estudantes e atualizam continuamente tanto os seus saberes 'disciplinares' como suas competências pedagógicas... A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. (LÉVY, 1999)

O trabalho de forma interdisciplinar nem sempre é fácil, essencialmente porque estamos por demais acostumados com uma visão compartimentada do conhecimento. Sobre isto, comenta PRADO:

[...] acredito que a efetivação de um trabalho interdisciplinar depende, essencialmente, do rompimento de uma visão fragmentada e hierarquizada do conhecimento. Em outras palavras, a interdisciplinaridade depende de

mudanças de concepções, valores e, conseqüentemente, de atitudes. (PRADO, 1999)

No desenvolvimento de projetos, a Educação apropria-se de um dos recursos mais humanizantes das novas tecnologias, que é a possibilidade da execução de projetos cooperativos via rede. Como destacam Almeida e Fonseca Júnior:

A grandeza da informática não está na capacidade que ela tem de aumentar o poder centralizado nem na sua força para isolar as pessoas em torno da máquina"... "A grandeza da informática encontra-se no imenso campo que abre à cooperação. É uma porta para a amizade, para a criação de atividades cooperativas, para a cumplicidade de críticas solidárias aos governos e os poderes opressores ou injustos. Enfim, as redes informatizadas propiciam a solidariedade e a criação e desenvolvimento de projetos em parcerias. (ALMEIDA e FONSECA JÚNIOR, 2000)

A criação de um ambiente educacional informatizado aberto, que propicia uma intensiva participação criativa e cooperativa dos alunos com necessidades educacionais especiais, tem apresentado resultados tais como uma "...maior motivação e entusiasmo dos alunos para atividades educacionais", "[...] aumento da interação do aluno com o meio em que vive", *além do* "[...] desenvolvimento do seu raciocínio lógico-dedutivo". (GALVÃO FILHO, 1995)

Trabalhando desta maneira, o aluno estará utilizando diferentes recursos computacionais e telemáticos, mas dentro de um mesmo paradigma valorizador de suas capacidades e iniciativas. E o computador e a telemática serão utilizados como recursos, ou como um ambiente (em se tratando de Internet), através dos quais esse aluno irá construindo o seu conhecimento. É superada, portanto, a concepção do computador como uma "máquina de ensinar", na qual eram introduzidas informação, para que depois fossem repassadas, "ensinadas", ao aprendiz. Com essa metodologia não é, portanto, o computador que ensina o aluno, mas sim, o aluno que aprende "ensinando o computador", ou seja, criando, desenvolvendo novos projetos.

HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO:

A disponibilidade do Laboratório para os projetos do professores é de dois dias por semana, a serem escolhidos pelo grupo docente. Dois outros dias serão de uso da comunidade, conforme regra de conquista do Laboratório. Um dia será para uso docente em planejamento, a sexta-feira.

AVALIAÇÃO:

Alunos – conforme instrumentos citados nos projetos de cada professor;
Projetos e uso – em reuniões específicas.

PARTICIPANTES DO PROJETO:

- Alunos devidamente matriculados na APAE de Jacobina, regulares ou esporádicos. Mediante projeto apresentado pelo professor do grupo;
- Professor, após apresentação de projeto à direção e ao grupo de professores;
- Responsável técnico pelo Laboratório de Informática.

CRONOGRAMA DE PARTICIPAÇÃO DAS TURMAS:

HORÁRIO/TURMA	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira
8h às 9h30min				
10h às 11h30min				

HORÁRIO/TURMA	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira
8h às 9h30min				
10h às 11h30min				

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Fernando José de.; FONSECA JUNIOR, Fernando. *Aprendendo com projetos*. Brasília, PROINFO/MEC, 2000.

CAPOVILLA, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2005). *Alfabetização fônica: Construindo competência de leitura e escrita* (2a ed.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

CAPOVILLA, A. G. S., Capovilla, F. C., & Macedo, E. C. (2005). *Alfabetização fônica computadorizada: Fundamentação teórica e guia para o usuário*. São Paulo, SP: Memnon.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. *Informática: novos caminhos na educação*. Salvador, **Anais** do XII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Paralisia Cerebral, ABPC, 1995.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34, 1999.

MENEZES, Sulamita Ponzo de. *Logo e a formação de professores: o uso interdisciplinar do computador na educação*. São Paulo, ECA/USP, 1993.

PAPERT, Seymour. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

PRADO, Maria Elisabette B. B. *O uso do computador na formação do professor*. Brasília, PROINFO/MEC, 1999.

VALENTE, José Armando (org.). *Liberando a mente: computadores na educação especial*. Campinas, UNICAMP, 1991.

VALENTE, José Armando (org.). *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas, UNICAMP, 1993.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.